



Para
Roberts
O Recife



CHÁDASCINCO
Livros com sexto sentido

PRIMEIRA PARTE

PASSADO

*O presente não contém mais do que o passado
e o que descobrimos no efeito estava já contido na causa.*

— HENRI BERGSON

PRÓLOGO

James Lassiter tinha quarenta anos, e era um homem robusto, de uma beleza agreste, no auge da sua vida e em muito boa forma.

Dentro de uma hora, estaria morto.

Do convés do seu barco, não conseguia ver mais do que a ondulação azul, sedosa e cristalina, os verdes luminosos e os castanhos profundos da Grande Barreira de Coral, cintilando como ilhas sob a superfície do Mar de Coral. Mais longe, a oeste, a espessa espuma do mar e as vagas de espuma marítima emergiam e embatiam contra a falsa costa de coral.

Donde estava, do lado do porto, conseguia divisar as formas e sombras dos peixes, dardejando como flechas animadas pelo mundo que ele nascera para partilhar.

A costa da Austrália perdia-se à distância, restando apenas a imensidão.

O dia estava perfeito, com o cintilar, translúcido como pedras preciosas, das águas, alinhavadas por pequenas linhas de luz branca reflectidas pelo Sol dourado. A provocante insinuação de brisa não prenunciava qualquer gota de chuva.

Sentia o convés baloiçar suavemente sob os pés como um berço em pleno mar quieto. A ondulação arquejava musicalmente contra o casco. Em baixo, bem por baixo, um tesouro aguardava ser descoberto.

Estavam a explorar os destroços do *Estrela do Mar*, um navio mercante britânico que conhecera o seu fim na Grande Barreira de Coral, dois séculos antes. Tinham trabalhado durante mais de um ano, por vezes como cães, para recuperar as riquezas que o *Estrela* tinha deixado para trás, interrompidos pelo mau tempo, por falhas no equipamento e outros inconvenientes.

James sabia que ainda não havia tesouro. Mas os seus pensamentos viajavam para além do *Estrela do Mar*, a norte daqueles corais espectaculares e perigosos, em direcção às tépidas águas das Índias Ocidentais. Em busca de um outro naufrágio, de um outro tesouro.

A Maldição de Angelique.

Perguntava-se hoje se seria o amuleto a transportar a maldição ou a mulher, a bruxa Angelique, cujo poder, segundo se dizia, se conservava no seu rubi, diamantes e ouro. Segundo a lenda, ela usara aquele colar, oferta do marido que o povo jurava que ela tinha assassinado, no dia em que fora queimada na fogueira.

A ideia fascinava-o — a mulher, o colar, a lenda. A busca pelo tesouro, que em breve iniciaria, começava a assumir contornos pessoais. James

não queria simplesmente as riquezas e a glória. Ele queria a Maldição de Angelique e a lenda que transportava.

Crescera alimentado pelo mito da caça, pelas lendas de navios naufragados e o tesouro que o mar desvelara. Por toda a sua vida, mergulhara e sonhara. Os sonhos custar-lhe-iam a mulher e dar-lhe-iam um filho.

James afastou-se da balaustrada para observar o rapaz. Matthew tinha já quase dezasseis anos. Estava mais alto, mas ainda não florescera completamente. James sentia que havia ali potencial, naquela estrutura magra e de músculos secos. Partilhavam o mesmo cabelo escuro e indomável, embora o rapaz se recusasse a usá-lo curto, pelo que, naquele momento, enquanto Matthew verificava o material de mergulho, o seu rosto era cortinado pelo cabelo.

O rosto era angular, concluía James. Definira-se nos últimos dois anos e perdera o redondo infantil. Um rosto de anjo, dissera certa vez uma empregada de mesa, o que deixara o rapaz perdido em sorrisos e rubores de vergonha.

Agora tinha toques do diabo, e aqueles olhos azuis que herdara do pai eram mais quentes do que frios. O temperamento dos Lassiters, a sorte dos Lassiters, pensava James, abanando a cabeça. Um pesado legado para um rapaz assim tão jovem.

Um dia, pensou, um dia, muito em breve, poderia dar ao seu rapaz tudo aquilo que um pai sonhava dar. A chave para esse tesouro aguardava-o, tranquilamente, nos mares tropicais das Índias Ocidentais.

Um colar de rubis e diamantes, de valor incalculável, carregado de História, obscurecido de lenda, manchado de sangue.

A Maldição de Angelique.

A boca de James contorceu-se num pequeno sorriso. Quando a tivesse nas mãos, a má sorte que caíra sobre os Lassiters mudaria. Teria apenas de ser paciente.

— Despacha-te com essas garrafas, Matthew. A hora já vai adiantada.

Matthew olhou para cima, afastando o cabelo dos olhos. O Sol erguia-se por trás do seu pai, fazendo-o cintilar por todo. Parecia-lhe um rei preparado para entrar no campo de batalha, pensou Matthew. Como sempre, sentiu-se dominado por uma enorme onda de amor e admiração, surpreendentemente intensa.

— Substituí o teu medidor de pressão. Quero dar uma vista de olhos no antigo.

— Toma bem conta do teu velhote — brincou James, pousando o braço nos ombros do filho, para um abraço brincalhão. — Um dia destes ainda te trago uma fortuna lá de baixo.

— Deixa-me descer contigo. Deixa-me ir no turno da manhã, no lugar dele.

James conteve um suspiro. Matthew ainda não adquirira o dom de controlar as suas emoções. Sobretudo quando se tratava de algo que não gostava.

— Sabes bem como esta equipa funciona. Tu e o Buck mergulham esta tarde. O VanDyke e eu ficamos com a manhã.

— Não quero que mergulhes com ele. — Matthew libertou-se do abraço amigo do pai. — Ouvi-vos discutir ontem à noite. Ele odeia-te. Consegui senti-lo no seu tom de voz.

O sentimento era mútuo, pensou James, mas apenas piscou o olho ao filho.

— É normal que os colegas discutam. Mas o importante é que o VanDyke investiu boa parte do dinheiro. Deixa-o divertir-se, Matthew. Para ele, a caça ao tesouro é um passatempo para homens de negócios ricos e enfadados.

— Mergulha mal como o caraças — acrescentou Matthew. E, na sua opinião, assim se media um homem.

— Serve o propósito. Simplesmente não tem muito estilo aos doze metros de profundidade. — Farto da discussão, James começou a vestir o seu fato de mergulho. — O Buck viu o compressor?

— Sim. Está tudo em ordem. Pai...

— Pára, Matthew.

— Só hoje — insistiu Matthew, teimosamente. — Não consigo confiar nesse sacana de nariz empinado.

— Vejo que a tua língua está cada vez mais comprida — interveio Silas VanDyke, elegante e pálido, apesar do sol quente, sorrindo ao sair da cabine, atrás de Matthew. Ouvir o rapaz falar mal dele divertia-o e irritava-o simultaneamente. — O teu tio precisa de ti lá em baixo, jovem Matthew.

— Hoje quero mergulhar com o meu pai.

— Lamento mas isso representaria algum transtorno para mim. Como vês, estou já equipado com o fato de mergulho.

— Matthew — chamou James, com um tom impacientemente decisivo. — Vai ver o que o Buck quer.

— Sim, senhor. — Com um olhar desafiante, Matthew desceu ao porão.

— Este rapaz tem uma péssima postura e umas maneiras ainda piores, Lassiter.

— O rapaz odeia-o — respondeu James, animadamente. — Diria que tem ótimos instintos.

— Esta expedição está a chegar ao fim — replicou VanDyke. — E o

mesmo digo da minha paciência e generosidade. Sem mim, fica sem dinheiro numa semana.

— Talvez. — James apertou o fato. — Ou talvez não.

— Eu quero o amuleto, Lassiter. Sabe que está lá em baixo, e eu acho que sabe onde. Eu quero-o. Comprei-o. E comprei-o *a si*.

— Comprou o meu tempo e os meus conhecimentos. Mas não me comprou a mim. São as regras do resgate, VanDyke. O homem que encontrar a Maldição de Angélique é dono da Maldição de Angélique. — E James estava certo de que não a encontraria no *Estrela do Mar*. Levou a mão ao peito de VanDyke e disse: — Agora, desapareça-me da vista.

O autocontrole, como o que era obrigado a praticar nas salas de reuniões, fez com que VanDyke evitasse reagir. Sempre vencera as suas batalhas com paciência, dinheiro e poder. Ele sabia que o sucesso nos negócios era uma simples questão de saber quem detinha o controle.

— Vai arrepender-se seriamente se tentar apunhalar-me nas costas. — Proferira aquelas palavras tranquilamente, com um leve sorriso a esboçar-se nos lábios. — Prometo-lhe.

— Bolas, Silas! Estou a divertir-me. — Com uma gargalhada silenciosa, James entrou na cabine. — Então, rapazes? Estão a ler revistas com miúdas ou quê? Toca a mexer.

Mexendo-se habilmente, VanDyke preparou as garrafas. Tratava-se, muito simplesmente, de um negócio.

Quando os Lassiters regressaram ao convés, estava a colocar o seu próprio equipamento.

Os três estavam tão pateticamente abaixo dele, pensava VanDyke. Era evidente que se tinham esquecido de quem ele era, do que ele era. Ele era um VanDyke, um homem que tivera, conquistara ou roubara tudo aquilo que desejara. Alguém que tencionava continuar a fazê-lo, desde que pudesse lucrar com isso. Pensariam eles que se importava que cerrassem fileiras num pequeno triângulo familiar, excluindo-o? Era mais do que altura de os dispensar e contratar uma nova equipa.

Buck, pensava ele, era apenas um homem tosco, praticamente careca, uma imitação frustrada do seu irmão bem-parecido. Leal como um rafeiro e igualmente inteligente.

Matthew, jovem e ambicioso, combativo e arrogante. Um vermezinho que VanDyke apreciaria muitíssimo esmagar.

E, claro, James, que observava enquanto os três Lassiters se mantinham unidos, conversando casualmente. Rijo e mais astuto do que VanDyke imaginara. Mais do que o simples instrumento que esperara que fosse. O homem acreditava mesmo que superara Silas VanDyke.

James Lassiter pensava que encontraria e possuiria a Maldição de

Angelique, o amuleto de poder e lenda. Usado por uma bruxa e cobiçado por muitos. E esse pensamento fazia dele um tolo.

VanDyke investira muito na jóia: tempo, dinheiro e dedicação, e Silas VanDyke jamais faria maus investimentos.

— Hoje vai ser um bom dia de caça. — James apertou as correntes das suas garrafas. — Cheira-me que sim. Silas?

— Mesmo atrás de si.

James apertou bem o cinto de suporte, ajustou a máscara e mergulhou na água.

— Pai, espera...

Mas James apenas acenou e desapareceu nas profundezas.

O mundo era silencioso e maravilhoso. O azul profundo deixava-se penetrar por raios de luz solar que perfuravam a superfície e cintilavam num branco translúcido. Pequenas cavernas e castelos de corais construíam mundos secretos por toda a parte.

Um tubarão-de-pontas-brancas-de-recife, de olhar enfadado e negro, inclinou o corpo e afastou-se, deslizando pela água.

Sentindo-se mais em casa do que se estivesse em terra, James mergulhou ainda mais profundamente, com VanDyke no seu encaicho.

Os destroços do navio estavam já bem expostos, com trincheiras a toda a volta e carregados de tesouro. Os corais tinham-se apoderado da quilha, transformando a madeira numa fantasia de cores e formas, como se trabalhada com ametistas, esmeraldas e rubis.

Este era o tesouro vivo, o milagre da arte criado pela água do mar e pelo Sol.

E era, como sempre, um enorme prazer contemplá-lo.

Quando começaram a trabalhar, a sensação de bem-estar de James aumentou. A sorte dos Lassiters seguia-o, sonhava ele. Em breve, seria rico e famoso. Sorria para si mesmo. Afinal, descobrira a pista por acaso, passara horas e dias a investigar e a seguir o percurso do amuleto.

Até sentia um pouco de pena pelo idiota do VanDyke, uma vez que seriam os Lassiters a trazer a jóia à superfície, noutras águas, numa expedição unicamente deles.

Deu consigo a estender o braço para afagar um coral, como se de um gato se tratasse.

Abanou a cabeça, mas não conseguia afastar o sonho. O alarme soou no fundo da sua mente, muito distante e débil. Mas ele era um mergulhador experiente e reconhecia os sinais. Já tivera uma ou outra experiência de narcose por nitrogénio. Mas nunca a tão pouca profundidade, pensava apreensivamente. Ainda não tinham alcançado os trinta metros.

Assim mesmo, James bateu nas garrafas. VanDyke já o observava há

algum tempo, com o olhar frio e atento, por trás da sua máscara. James fez um sinal para emergirem. Quando VanDyke o puxou para trás, apontando para os destroços, James estava ligeiramente confuso. Voltou a dar sinal para subirem, mas VanDyke deteve-o novamente.

Não entrou em pânico. James não era um homem que cedesse facilmente ao medo. Sabia que tinha sido sabotado, muito embora o seu raciocínio estivesse um pouco entaramelado de mais para conseguir perceber como. Lembrou-se de que VanDyke era um amador naquele mundo, não sabendo avaliar a dimensão do problema. Por isso, teria de lho mostrar. Cerrou o olhar, concentrado na sua intenção. Desferiu um golpe, não conseguindo, por pouco, agarrar o tubo de oxigénio de VanDyke.

A luta debaixo de água era lenta, determinada e assustadoramente silenciosa. Os peixes dispersavam como pedaços de seda colorida, reunindo-se novamente para testemunhar o drama entre predador e presa. James sentia-se esmorecer, dominado pela náusea e a desorientação que o nitrogénio lhe impunha. Lutou contra o gás, impulsionando-se mais três metros em direcção à superfície.

Depois, interrogou-se por que motivo quisera sair dali. Começou a rir, numa explosão de bolhas de ar que ascendiam rapidamente, à medida que se deixava levar pelo êxtase. Abraçou VanDyke, numa espécie de espiral lenta, querendo partilhar a sua alegria. Era tudo tão belo, sob aquela luz azul cintilante cravejada de pedras preciosas e brilhantes em mil cores impossíveis à espera, simplesmente à espera de serem colhidas.

Ele nascera para mergulhar nas profundezas.

Rapidamente, a felicidade de James deslizaria para um estado de inconsciência. E para uma suave e tranquila morte.

VanDyke estendeu o braço quando James começou a debater-se. A falta de coordenação era apenas mais um sintoma. Um dos últimos. Com um golpe hábil, VanDyke arrancou-lhe o tubo de ar. James pestanejou, confuso, afogando-se finalmente.

1.

Tesouro. Dobrões de ouro e pesos. Com alguma sorte, poderiam ser colhidos do fundo do mar como pêssegos de uma árvore. Pelo menos, assim o dizia o pai de Tate, pensava esta, quando mergulhava.

Ela sabia que era preciso bem mais do que apenas sorte, como os dez anos de buscas incessantes tinham já comprovado. Era necessário dinheiro, tempo e um esforço incomensurável. Além de uma tremenda capacidade, meses de pesquisa e equipamento.

Contudo, nadando em direcção ao pai, através do cristalino azul das Caraíbas, sentia-se mais do que apta a entrar no joga.

Não era esforço algum passar o Verão dos seus vinte anos a mergulhar na costa de Saint Kitts, nadando pelas águas maravilhosamente tépidas, por entre peixes de um colorido esplendoroso e esculturas de coral de mil e uma cores. Cada mergulho oferecia algo de misterioso. O que estaria escondido debaixo da areia branca, entre a flora marítima, enterrado sob as engenhosas formações de coral?

Não se tratava do tesouro, sabia-o bem. Mas da caça.

E, por vezes, tinha-se sorte.

Recordava-se bem da primeira vez que erguera uma colher de prata do seu leito arenoso. O espanto e a emoção de segurar uma tigela escurecida nas mãos, interrogando-se sobre quem a usara para comer sopa. Talvez um capitão de um qualquer galeão portentoso. Ou a mulher desse mesmo capitão.

E daquela vez em que a mãe desfizera alegremente um pedaço de conglomerado, o resultado de séculos de reacções químicas debaixo do mar. O seu guinchar de alegria e, depois, a vibração de uma gargalhada de puro deleite, quando Marla Beaumont descobrira um anel de ouro.

Alguns destes golpes de sorte permitiam aos Beaumonts vários meses por ano em busca de mais. Mais sorte e mais tesouros.

Pai e filha nadavam lado a lado, e Raymond Beaumont tocou no braço dela e apontou.

Ficaram a observar uma tartaruga a nadar indolentemente pelas águas.

O sorriso nos olhos do pai dizia tudo. Trabalhara a vida toda e agora colhia os frutos do seu trabalho. Para Tate, um momento como aquele era tão valioso como ouro.

Nadaram juntos, unidos pelo amor pelo mar, pelo silêncio, pelas cores. Um cardume de castanhetas-das-rochas passou por eles, exibindo as suas riscas negras e douradas cintilantes. Apenas como divertimento, Tate

voltou-se lentamente e observou a luz do Sol penetrar a superfície da água. A sensação de liberdade fê-la rir-se, criando uma vaga de bolhas que assustou uma garoupa curiosa.

Mergulhou um pouco mais, seguindo o ritmo assertivo do pai. A areia escondia segredos. Um pequeno monte podia ser uma prancha de madeira comida pelos vermes, oriunda de um galeão espanhol. Uma sombra poderia esconder um cofre de prata de algum pirata. Era importante ficar atenta, não à flora marítima ou aos aglomerados de coral, mas aos sinais de tesouros submersos.

Estavam ali, nas tranquilas águas das Índias Ocidentais, em busca do sonho de todo o caçador de tesouros. Os destroços de um navio, inviolados, conhecidos por deterem o tesouro de um rei. Este mergulho, o seu primeiro, serviria para se ambientarem no território que tinham pesquisado meticulosamente em livros, mapas e cartas náuticas. Testariam as correntes, estudariam as marés. E talvez, talvez tivessem sorte.

Apontando para um monte de areia, Tate começou a agitar as barbatanas com força. O seu pai ensinara-lhe este método simples de afastar a areia quando ela o deleitara com um interesse interminável no novo passatempo do pai, o mergulho.

Ao longo dos anos, ensinara-lhe muitas mais coisas. O respeito pelo mar e o que o habitava. E o que se escondia nas suas águas. A esperança que acalentava com grande carinho era de, um dia, descobrir algo para ela.

Olhou para o pai e observou a forma como ele estudava uma pequena barreira de coral. Por mais que ele sonhasse com os tesouros do homem, Raymond Beaumont adorava as riquezas criadas pelo mar.

Não conseguindo descobrir nada no local, Tate nadou para alcançar uma concha com riscas muito bonita. Pelo canto do olho, vislumbrou um sombra escura vindo na sua direcção, célere e silenciosa. A primeira intuição assustadora dizia-lhe que seria um tubarão, e o coração disparou. Voltou-se, como lhe tinham ensinado, procurando a faca de mergulhador, preparada para se defender, a si e ao seu pai.

A forma revelara-se um mergulhador. Ágil e rápido como um tubarão, talvez, mas um homem. O suspiro de alívio que libertou criou uma vaga de bolhas de ar que só algum tempo depois se lembrou de controlar. O mergulhador fez-lhe um sinal e depois ao homem que o seguia.

Tate deu consigo cara a cara com um rosto estupidamente sorridente e uns olhos tão azuis como o mar que os rodeava. O cabelo negro esvoaçava na corrente. Sabia que se ria dela, sem dúvida por ter percebido a sua reacção à companhia inesperada. Ergueu as mãos, desenhando um gesto de paz, até que ela voltou a embainhar a faca. Depois, piscou-lhe o olho e cumprimentou brevemente Ray.

À medida que os presentes trocavam cumprimentos silenciosos, Tate estudava os recém-chegados. O equipamento que transportavam era de qualidade e incluía todos os elementos necessários a qualquer caçador de tesouros. O saco, a faca, a bússola de pulso e o relógio de mergulhador. O primeiro homem era novo, elegante sob o seu fato de mergulho preto. As mãos eram largas e os dedos compridos, exibindo as marcas e cicatrizes de um caçador experiente.

O segundo homem era careca e barrigudo, mas ágil como um peixe em todos os movimentos que executava debaixo de água. Tate percebeu que estava a chegar a algum acordo tácito com o seu pai. Queria protestar. Aquele local era deles. Afinal de contas, tinham chegado lá primeiro.

Mas não podia fazer mais do que franzir o sobrolho, quando viu o pai a desenhar um sinal de OK com a mão. Os quatro separaram-se para explorar.

Tate seguiu para outro monte para tentar remover a areia. A pesquisa do pai indicava que quatro navios da frota espanhola teriam naufragado a norte de Nevis e Saint Kitts, durante o furacão de 11 de Julho de 1733. Dois deles, o *San Cristobal* e o *Vaca*, tinham sido descobertos e recuperados alguns anos antes, desfeitos nos rochedos perto de Dieppe Bay. Ainda estavam por descobrir e explorar o *Santa Marguerite* e o *Isabella*.

Vários documentos e manifestos declaravam que esses navios transportavam muito mais do que cargas de açúcar vindas das ilhas. Havia jóias e porcelana e mais de dez milhões de pesos em ouro e prata. Além disso, acreditando nos costumes da época, haveria também as riquezas escondidas pelos passageiros e pelos marinheiros.

Ambos os navios naufragados seriam bastante ricos. Mais importante do que isso, a sua descoberta seria dos maiores achados do século.

Não conseguindo encontrar nada, Tate avançou, seguindo para norte. A presença dos outros mergulhadores apurara-lhe o olhar e os instintos. Um cardume de peixes muitíssimo coloridos passou a seu lado, desenhando um *v* perfeito e exibindo um novo pormenor de cor dentro dos tons já de si fulgurantes. Deliciada, nadou pelo rasto deixado pelas suas bolhas.

Mesmo em competição, saberia sempre apreciar as pequenas coisas. Era capaz de explorar incansavelmente, afastando a areia dos pequenos montes e observando os peixes com igual entusiasmo.

A princípio, parecia uma pedra. No entanto, a experiência levou-a a nadar na sua direcção. Estava a menos de um metro do objecto quando sentiu algo a passar rapidamente por si. Observou, algo irritada, aquela mão esguia de dedos compridos a aproximar-se da pedra.

Idiota, pensou, e estava prestes a voltar-se quando viu que ele tentava libertar a pedra. E não era uma pedra, afinal, mas o punho incrustado

de uma espada, que desembainhara do mar. Exibindo o sorriso através da máscara de mergulho, ergueu o objecto.

Teve a audácia de lhe acenar com a sua descoberta, agitando as águas à sua volta. Moveu-se para a superfície e Tate seguiu-o. Emergiram em simultâneo.

Tate cuspiu o bocal.

— Eu vi-o primeiro.

— Não me parece. — Ainda a sorrir, levantou a máscara. — Além disso, és demasiado lenta e eu não. Por isso, achado não é roubado.

— São as regras do resgate — insistiu, tentando manter-se calma. — Estavas no meu espaço.

— Pelo que sei, tu é que estavas no meu. Para a próxima, corre mais depressa.

— Tate, querida! — Marla Beaumont chamava-a do convés do *Aventura*. — O almoço está pronto. Convida o teu amigo a bordo.

— Nem precisas de convidar.

E, com umas estocadas potentes, ele estava já próximo da proa do *Aventura*. Atirou a espada para o convés, que caiu ruidosamente. Seguiram-se as barbatanas.

Lamentando o péssimo começo de um Verão que prometia ser maravilhoso, Tate subiu para o barco. Ignorando o gesto do homem que lhe estendia a mão, içou o corpo para a embarcação, no preciso momento em que o seu pai e o outro mergulhador emergiam.

— É um prazer conhecê-la. — Passou a mão pelo cabelo molhado e sorriu simpaticamente para Marla. — Chamo-me Matthew Lassiter.

— E eu sou a Marla Beaumont. Bem-vindo a bordo.

A mãe de Tate sorria para Matthew, debaixo da enorme aba do seu chapéu florido. Era uma mulher lindíssima, com pele cor de porcelana e um corpo esguio sob a sua camisa e calças fluidas. Baixou os óculos de sol para um acolhimento mais gentil.

— Vejo que já conheceu a minha filha, Tate, e o meu marido, Ray.

— Podemos dizer que sim. — Matthew desapertou o cinto do fato e pousou-o, juntamente com a máscara. — Belo barco.

— Oh, sim, obrigada. — Marla analisou orgulhosamente o convés. Não era grande fã de trabalhos domésticos, mas não havia nada que apreciasse mais no mundo do que manter o *Aventura* impecável. — E aquele deve ser o seu barco — comentou, apontando para o mar. — O *Diabo do Mar*.

Tate exibiu um ar de troça ao ouvir o nome da embarcação. Parecia-lhe muitíssimo adequado, tanto ao barco como ao homem. Ao contrário do *Aventura*, o *Diabo do Mar* não cintilava. A velha embarca-

ção de pesca precisava urgentemente de uma pintura. Ao longe, pouco mais parecia do que um velho tubo a flutuar sobre a cintilante bandeja do mar.

— Não é nada de especial — respondia Matthew —, mas anda bem.

Matthew aproximou-se dos mergulhadores que se preparavam para subir, oferecendo-lhes ajuda.

— Tens olho, rapaz. — Buck Lassiter deu uma sapatada nas costas de Matthew. — Este rapaz nasceu para isto — disse a Ray, numa voz áspera como vidro esmagado, depois erguendo lentamente a mão para se apresentar. — Buck Lassiter. Este é o meu sobrinho, Matthew.

Ignorando os cumprimentos que se desenrolavam pelo convés, Tate pousou o equipamento e depois libertou-se do seu fato de mergulho. Enquanto os outros admiravam a espada, saiu do convés e seguiu para a sua cabine.

Não era uma situação fora do comum, afinal de contas, pensava ela enquanto vestia a sua T-shirt gigantesca. Os pais estavam sempre a travar amizade com estranhos, convidando-os a abordar e preparando-lhes refeições. O seu pai nunca desenvolvera aquele comportamento cauteloso e desconfiado típico de um caçador de tesouros experiente. Pelo contrário, os seus pais eram o perfeito baluarte da hospitalidade do Sul.

Em circunstâncias normais, ela consideraria tais características agradáveis. Desejava apenas que fossem um pouco mais criteriosos.

Contudo, ouvindo o pai a congratular alegremente Matthew pela sua descoberta, sentiu-se francamente irritada.

Bolas, tinha-o visto primeiro.

Estaria amuada, concluiu Matthew, ao entregar a espada a Ray, para que pudesse analisá-la. Um traço tipicamente feminino. E não havia dúvidas de que aquela criatura ruiva era uma mulher. O seu cabelo acobreado podia estar cortado como o de um homem, mas preenchia bastante bem aquele biquíni minúsculo.

E era razoavelmente bonita, pensava. O seu rosto era bastante angular, com umas maçãs do rosto capazes de rasgar os dedos curiosos de um homem, mas possuía uns olhos grandes e verdes verdadeiramente deliciosos. Uns olhos que, lembrava-se bem, lhe tinham lançado farpas agrestes, dentro e fora da água.

O que fazia com que irritá-la fosse ainda mais interessante.

E já que iam brincar na mesma piscina por uns tempos, mais valia tentar divertir-se um pouco.

Estava sentado de pernas cruzadas, no convés da frente, quando Tate emergiu da cabine. Ela olhou-o rapidamente, quase disposta a pôr de lado o amuo. A pele dele era bronzeada e trazia ao peito um peso de prata, suspen-

so numa corrente. Queria perguntar-lhe tudo sobre o objecto, saber onde o conseguira e como.

Mas ele sorria para ela de forma trocista. Os bons modos, o orgulho e a curiosidade uniam-se numa barreira que a mantinha estranhamente silenciosa, à medida que as conversas fluíam à sua volta.

Matthew trincou uma das sanduíches de Marla, generosamente abastecidas de presunto.

— Fantástica, Senhora Beaumont. Muito melhor do que a porcaria a que o Buck e eu estamos habituados.

— E coma mais salada de batata. — Lisonjeada, a senhora encheu-lhe o prato de papel. — E pode tratar-me por Marla, querido. Tate, vem cá e come qualquer coisa.

— Tate — repetiu Matthew, franzindo o sobrolho ao Sol e observando-a. — Que nome tão fora do comum.

— É o nome de solteira da Marla. — Ray envolveu a mulher com os braços. Vestia uns calções de banho molhados, visivelmente encantado com o calor e a companhia. O seu cabelo grisalho dançava ao ritmo de uma brisa leve. — A Tate já mergulha desde que era do tamanho de uma ervilha. Não podia arranjar melhor parceira. A Marla adora o mar e adora velejar, mas raramente dá umas braçadas.

Com uma gargalhada, Marla voltou a encher os copos altos com *ice tea*.

— Gosto de ver a água. Mas estar dentro dela é algo inteiramente diferente. — Recostou-se placidamente com a sua bebida. — Quando me chega aos joelhos, entro simplesmente em pânico. Devo ter-me afogado numa vida anterior. Por isso, durante esta, basta-me ficar a tomar conta do barco.

— E é um belo barco. — Buck tinha já avaliado o *Aventura*. Uma embarcação robusta com doze metros, madeiras em teca e bem envernizadas. Imaginava que tivesse duas cabines e uma cozinha completamente equipada. Apesar de estar sem a máscara com lentes graduadas, conseguia apreciar as enormes janelas da cabine do capitão. Adoraria passear os dedos pelo motor e pela consola central.

Teria de dar uma vista de olhos mais tarde, quando pusesse os óculos. Mesmo sem eles, sabia que o diamante no dedo de Marla teria uns bons cinco quilates e que a aliança de ouro na mão direita era uma antiguidade.

Cheirava-lhe a dinheiro.

— Então, Ray... — Casualmente, deu um gole no seu *ice tea*. — O Matthew e eu temos estado a mergulhar por aqui nos últimos tempos. Ainda não vos tinha visto.

— Hoje foi o nosso primeiro mergulho. Viemos da Carolina do Norte, no dia em que a Tate terminou o semestre.

Rapariga de faculdade. Matthew deu uma golada enérgica no seu chá gelado. Meu Deus. Voltou deliberadamente o olhar das pernas dela para o seu almoço. Agora é que não havia hipóteses. Ele tinha quase vinte e cinco anos e não gostava de meninas da faculdade empreadas.

— Vamos passar o Verão aqui — explicou Ray. — Talvez mais algum tempo. No Inverno passado, mergulhámos por algumas semanas perto da costa do México. Há alguns destroços interessantes por lá, mas a maior parte não deu em nada. Mas conseguimos trazer uma ou outra coisa. Louça, cachimbos de barro...

— E aqueles frascos de perfume lindos — acrescentou Marla.

— Então já fazem isto há algum tempo — avançou Buck.

— Há dez anos. — O olhar de Ray cintilou. — Fez quinze anos desde a primeira vez que mergulhei. — Inclinou-se para a frente, fitando-o de caçador para caçador. — Um amigo meu convenceu-me a ter aulas de mergulho. Depois de ter obtido o certificado, fui com ele até Diamond Shoals. Bastou um mergulho para ficar viciado.

— Agora, passa cada minuto livre que tem a planear um mergulho ou a falar sobre o último que fez. — Marla liberta uma das suas risadas de deleite. Os seus olhos, do mesmo verde rico que os da filha, dançam. — Por isso, tive de aprender a manobrar um barco.

— Eu já mergulho há mais de quarenta anos. — Buck deu uma última colherada na sua dose de salada de batata. Não comia assim tão bem há mais de um mês. — Está-me no sangue. Com o meu pai era a mesma coisa. Costumávamos mergulhar perto da Florida, antes de o Governo ficar tão implicativo. Eu, o meu pai e o meu irmão. Os Lassiters.

— Sim, claro. — Ray deu uma palmada no joelho. — Li sobre vocês. O seu pai era o Big Matt Lassiter. Descobriu o *El Diablo* perto de Conch Key, em 1964.

— 1963 — corrigiu Buck, com um sorriso. — Descobriu o barco e a fortuna que trazia dentro dele. O tipo de ouro com que qualquer homem sonha, jóias, lingotes de prata. Tive nas minhas mãos uma corrente de ouro com um dragão pequeno. O raio de um dragão de ouro — disse, depois parando e arrotando. — Desculpe-me, minha senhora.

— Não se preocupe. — Fascinada com a imagem, Marla ofereceu-lhe outra sanduíche. — Como era?

— Incomparável. — Novamente à vontade, Buck mastigava o seu presunto. — Tinha rubis nos olhos e esmeraldas na cauda. — Amargamente, olhou para as mãos, que descobriu vazias. — Era de um valor incalculável.

Completamente cativado, Ray fitava-o.

— Sim, já vi fotografias da peça. O Dragão do Diabo. Foi você que o trouxe? Extraordinário!

— O Estado apertou o cerco — continuou Buck. — Manteve-nos em tribunal durante anos. Alegou que o limite de três milhas começava no final do recife e não na costa. Aqueles sacanas sugaram-nos tudo. No final, venceram e nós perdemos. Não são melhores que piratas — comentou, terminando a bebida.

— Que horror — murmurou Marla. — Depois de tanto trabalho, depois de descobrir tanta coisa, ficou sem nada.

— Partiu o coração do meu velhote. Nunca mais mergulhou. — Buck encolheu os ombros. — Bem, haverá outros naufrágios, outros tesouros. — Buck avaliara o homem que o recebera e agora resolvera jogar. — Como o *Santa Marguerite*, o *Isabella*.

— Sim, eles estão por aqui. — Ray fitou o olhar de Buck firmemente. — Estou certo disso.

— Pode ser. — Matthew pegou na espada e virou-a nas mãos. — Ou talvez tenham sido arrastados para alto-mar. Não há registos de sobreviventes. Apenas dois navios embateram no recife.

Ray ergueu um dedo.

— Ah, mas houve testemunhas do acidente que afirmaram ter visto o *Isabella* e o *Santa Marguerite* a afundarem-se. Os sobreviventes dos outros navios viram as ondas erguerem-se e engolirem-nos.

Matthew ergueu o olhar em direcção ao de Ray e assentiu.

— Talvez.

— O Matthew é um cínico — comentou Buck. — Mantém-me no mundo real. Vou contar-lhe uma coisa, Ray. — Inclinou-se para a frente, com os seus olhos azuis compenetrados. — Tenho feito algumas pesquisas por conta própria. Uma vez por outra, ao longo dos últimos cinco anos. Há três anos, o rapaz e eu passámos mais de seis meses a passar estas águas a pente fino, sobretudo as duas milhas entre Saint Kitts e Nevis e a área da península. Encontrámos algumas coisas, aqui e ali, mas nunca descobrimos aqueles navios. E eu sei que eles estão por ali.

— Ora bem. — Ray beliscou o lábio inferior, um gesto que Tate sabia significar que ele ponderava os seus comentários. — Acho que estive à procura no sítio errado, Buck. Não quero com isto dizer que acredite saber mais do que você. Os navios zarparam em Nevis, mas de acordo com o que consegui descobrir, os dois que se afundaram conseguiram chegar mais a norte, perto da ponta de Saint Kitts, onde finalmente naufragaram.

Os lábios de Buck desenharam um sorriso.

— Cheguei à mesma conclusão. O mar é imenso, Ray. — Lançou um olhar a Matthew, retribuído com um desinteressado encolher de ombros. — Tenho quarenta anos de experiência e o rapaz mergulha desde que aprendeu a andar. Só não tenho apoio financeiro.

Sendo um homem que se tornara director de uma firma de corretagem de renome antes de atingir a reforma antecipada, Ray sabia reconhecer uma oportunidade de negócio quando lhe era apresentada.

— Está à procura de uma parceria, Buck. Teríamos de discutir o assunto. Negociar os termos e as percentagens. — Erguendo-se, Ray exibiu um grande sorriso. — Quer acompanhar-me ao meu escritório?

— Ora bem. — Marla sorriu ao ver o marido e Buck entrarem na cabine. — Acho que me vou sentar à sombra e dormir com o meu livro. Vocês, jovens, divirtam-se.

Marla dirigiu-se a uma espreguiçadeira às riscas e instalou-se com o seu chá gelado e um romance.

— Acho que vou limpar o meu tesouro. — Matthew pegou num grande saco de plástico. — Posso usar isto? — Sem esperar por uma resposta, colocou o equipamento dentro do saco e depois pegou nas garrafas. — Queres ajudar-me?

— Não.

Ele apenas arqueou uma sobrancelha.

— Pensei que quisesses ver como fica depois de limpa. — Abanou a espada, na esperança de que a curiosidade dela se sobrepusesse à irritação. Não precisou de esperar muito.

Resmungando, Tate pegou no saco de plástico e levou-o pelas escadas até ao degrau de mergulho, com a saca a seu lado.

O *Diabo do Mar* parecia ainda pior quando visto de perto. Tate avaliou conhecedoramente o baloiçar do barco na corrente e içou o corpo por cima da balaustrada. Sentiu um leve odor a peixe.

O equipamento estava bem arrumado e preso. Mas o convés precisava de ser esfregado e pintado. As janelas na pequena casa das máquinas, donde se via uma rede pendurada, estavam sujas e marcadas com sal e fumo. Uma série de baldes virados e uma segunda rede serviam de assentos.

— Não é o *Queen Mary* — comentou Matthew, arrumando as garrafas. — Mas também não é o *Titanic*. Não é bonito, mas é digno do mar que navega.

Tirou-lhe o saco da mão e arrumou o fato de mergulho num grande contentor de lixo em plástico.

— Queres beber alguma coisa?

Tate deu outra vista de olhos à sua volta.

— Tens alguma coisa esterilizada?

Matthew abriu a tampa de uma arca congeladora e pescou uma Pepsi. Tate apanhou-a em pleno voo e sentou-se num balde.

— Vives a bordo deste barco.

— É verdade. — E entrou para a casa das máquinas. Quando ela o

ouviu a mexer em alguma coisa, esticou o braço para tocar na espada que ele deixara pousada no balde ao lado.

Teria decorado o cinto de algum capitão espanhol com rendas nos punhos e coragem na alma? Teria esse capitão assassinado piratas com aquela espada ou tê-la-ia envergado apenas para compor um estilo? Talvez a tivesse brandido num punho esbranquiçado, contra as ondas e o vento que assolavam o seu navio.

E ninguém sentira o seu peso desde então.

Tate olhou para cima e viu Matthew de pé, à porta da casa das máquinas, a fitá-la.

Furiosamente embaraçada, afastou a mão da espada e deu um gole casual na sua Pepsi.

— Temos uma espada em casa — disse ela, indiferente. — Do século XVI. — Não mencionou que tinham apenas o punho e que estava partido.

— Que bom. — Ele pegou na espada e instalou-se com ela no convés.

Arrependia-se agora do convite impulsivo. Não adiantava nada repetir constantemente a si mesmo que ela era demasiado jovem. Não com ela a usar uma T-shirt molhada e colada ao corpo, revelando umas pernas cremosas, levemente beijadas pelo sol, mais longas do que deveriam. E aquela voz — meia *whiskey*, meia limonada ainda verde — não era de uma criança, mas de uma mulher. Ou pelo menos assim deveria ser.

Tate franziu o sobrolho, observando-o a limpar pacientemente a corrosão. Não contava que aquelas mãos soubessem ser pacientes.

— Por que procuram parceiros?

Ele não olhou para ela.

— Eu nunca disse que procurava.

— Mas o teu tio...

— Isso é o Buck. — Matthew encolheu os ombros. — Ele trata dos negócios.

Tate apoiou os cotovelos nos joelhos, pousando o queixo nas palmas das mãos.

— De que tratas tu?

Então, ele olhou para cima, e os seus olhos, inquietos apesar da perseverança das suas mãos, chocaram com os dela.

— Da caça.

Ela conseguia compreendê-lo completamente e sorriu-lhe com uma ânsia que ignorava a espada que os separava.

— É maravilhoso, não é? Só de pensar no que pode estar por aí e que podemos ser nós a encontrá-lo. Onde encontraste a moeda? — Sentindo o seu olhar perplexo, sorriu e estendeu o braço para tocar na circunferência de metal pousada no peito dele. — O peso.

— No meu primeiro mergulho em busca de tesouro — respondeu, desejando que ela não fosse tão cativamente fresca e amigável. — Na Califórnia. Vivemos lá durante uns tempos. E porque andas tu a mergulhar em vez de partir corações aos rapazes da faculdade?

Tate atirou a cabeça para trás e experimentou um gesto de sofisticação.

— Os rapazes são fáceis — respondeu, indolentemente, deslizando para se sentar no convés, mesmo em frente a ele. — Preciso um bom desafio.

Matthew sentiu a reviravolta nas entranhas como um aviso.

— Cuidado, menina — murmurou.

— Tenho vinte anos — disse ela, com todo o orgulho pujante da feminilidade em flor. Ou teria, em breve, no final do Verão. — Porque mergulhas em busca de tesouros em vez de trabalhares?

Nessa altura, ele sorriu.

— Porque sou bom no que faço. Se fosses melhor do que eu, terias conseguido isto e eu não.

Em vez de o honrar com uma resposta, Tate bebeu mais Pepsi.

— E porque não está o teu pai convosco? Deixou de mergulhar?

— De certa forma. Morreu.

— Oh, desculpa.

— Foi há nove anos — continuou Matthew, sem parar de limpar a espada. — Estávamos a mergulhar perto da Austrália.

— Foi um acidente de mergulho?

— Não. Ele era bom de mais para ter um acidente. — Pegou na lata que ela pousara e bebeu um gole. — Foi assassinado.

Tate reflectiu por uns segundos. Matthew usara o termo “assassinado” tão friamente que sentira dificuldade em assimilar a gravidade do sucedido.

— Meu Deus, como...

— Não sei ao certo. — Nem sabia porque se lembrara de lho contar. — Ele mergulhou vivo e içámo-lo para o barco morto. Chega-me esse pano.

— Mas...

— E foi isso — interrompeu ele, buscando ele próprio o pano. — Não vale a pena olharmos para trás.

Tate sentiu o impulso de lhe tocar na mão cicatrizada, mas imaginou, correctamente, que ele se retrairia automaticamente.

— Estranha afirmação para um caçador de tesouros.

— Querida, é o que o tesouro te traz agora que conta. E isto não é nada mau.

Distraída, voltou a olhar para o punho. À medida que Matthew o esfregava, o brilho começava a aparecer.

— Prata — murmurou. — É prata. Um sinal de patente. Eu sabia.
— É uma bela peça.
Esquecendo tudo excepto a descoberta, Tate aproximou-se, passeando a ponta do dedo pelo brilho da arma.
— Acho que é do século XVIII.
Os olhos dele sorriram.
— Achas que sim?
— A minha especialidade é arqueologia marinha. — Afastou a franja do rosto com um gesto impaciente. — Pode ter pertencido ao capitão.
— Ou a outro qualquer oficial — comentou Matthew, secamente. — Mas vai render-me cerveja e camarão para uns tempos.
Estupefacta, Tate deu um salto para trás.
— Vais vendê-la? Vais simplesmente vendê-la? Por dinheiro?
— Não estava a pensar vendê-la por amêijoas.
— Mas não queres saber donde veio, a quem pertenceu?
— Nem por isso. — Matthew voltou a parte mais limpa para o Sol e viu-a cintilar contra a luz solar. — Há um antiquário em Saint Bart que me faz um bom negócio.
— Mas isso é horrível. Isso é... — Procurou o pior insulto que conseguia imaginar. — Ignorante. — Rapidamente, colocou-se de pé. — Simplesmente vender assim, dessa maneira. Tanto quanto sabes, pode ter pertencido ao capitão do *Isabella* ou do *Santa Marguerite*. E seria um achado histórico. Pode pertencer a um museu.
Amadores, pensou Matthew, agastado.
— Pertence onde eu quiser. — Levantou-se agilmente. — Fui eu que a encontrei.
Tate sentiu o coração disparar só de pensar em desperdiçar aquela descoberta numa qualquer loja de antiguidades empoeirada ou, pior, em ser comprada por um turista incauto que a quisesse pendurar na parede do escritório.
— Dou-te cem dólares por ela.
O caçador sorriu de imediato.
— Ruiva, eu conseguia mais do que isso só por derreter o punho. Sentiu-se empalidecer com a imagem.
— Não farias isso. Não serias capaz. — Quando o viu apenas inclinar a cabeça, mordeu o lábio. A aparelhagem que imaginara no seu quarto na faculdade teria de esperar. — Então, duzentos dólares. É todo o dinheiro que consegui juntar.
— Acho que vou tentar a sorte em Saint Bart.
Tate sentiu o sangue afluir de novo às suas faces.
— Não passas de um oportunista.

— Tens razão. E tu de uma idealista. — Sorriu quando ela se levantou diante dele, com os punhos cerrados de fúria e os olhos flamejantes. Pelo canto do olho, detectou movimento no convés do *Aventura*. — E, para o melhor e para o pior, Ruiva, parece que vamos ser parceiros.

— Só por cima do meu cadáver.

Ele pousou as mãos nos ombros dela e, por momentos, ela pensou que ele a atiraria borda fora. Mas ele simplesmente a voltou para o seu próprio barco.

Ela sentiu o coração esmorecer ao ver o seu pai e Buck Lassiter apertarem as mãos.

2.

Um pôr-do-sol maravilhoso derramava ouro e nuances rosa pelo céu, derretendo-se depois no mar. A esta glória seguiu-se o súbito crepúsculo, tão usual nos trópicos. Do outro lado do mar tranquilo chegava o som arranhado de um rádio portátil do *Diabo do Mar*, pouco lisonjeador do quebrantado ritmo do *reggae*. O ar podia estar impregnado do aroma do peixe salteado, mas o humor de Tate estava pouco recomendável.

— Não compreendo porque precisamos de parceiros.

Tate apoiou os cotovelos na mesa estreita da cozinha e fez uma careta de descontentamento na direcção da mãe.

— O teu pai gostou muito do Buck. — Marla semeou rosmaninho picado na sertã. — É bom que tenha alguém da idade dele por perto, para conversar.

— Mas tem-nos a nós — resmungou Tate.

— Claro que tem. — Marla sorriu, olhando para trás, para a filha. — Mas os homens precisam de homens, querida. Precisam de uma cuspidela ou um arrote de vez em quando.

Tate não suportava imaginar o seu pai, tão bem-educado, a fazer tal coisa.

— Mas a questão é que não sabemos nada sobre qualquer um deles. Quero dizer, eles simplesmente apareceram no nosso espaço. — Tate ainda cismava na espada. — O pai passou meses a pesquisar os destroços. Por que motivo temos agora de confiar nos Lassiters?

— Porque são os Lassiters — respondeu Ray, entrando na cozinha. Inclinando-se para a frente, depositou um beijo repenicado no cimo da cabeça da filha. — Temos uma filha muito desconfiada, Marla. — Piscou o olho à mulher e, depois, porque era a sua vez de tratar da cozinha, começou a pôr a mesa. — É uma boa qualidade, até certo ponto. Não é bom credi-

tarmos em tudo o que vemos. Mas, por vezes, temos de seguir os nossos instintos. E os meus dizem-me que precisamos dos Lassiters para darmos conta desta pequena aventura.

— Como? — Tate apoiou o queixo na mão. — O Matthew Lassiter é arrogante e ignorante e...

— Jovem — terminou Ray, piscando o olho. — Marla, cheira muito bem.

Aproximou-se da mulher, acomodou os braços em torno da cintura dela e beijou-a no pescoço. Cheirava a loção solar e Chanel.

— Então, vamos lá sentar-nos e ver se sabe bem.

Mas Tate não estava disposta a encerrar o assunto.

— Pai, sabes o que ele tenciona fazer com aquela espada? Vai vendê-la a um negociante qualquer.

Ray sentou-se e retesou os lábios.

— A maior parte dos caçadores vende o que descobre, querida. É assim que sobrevivem.

— Bom, seja. — Tate pegou no prato que a mãe lhe entregou automaticamente e escolheu uma parte de peixe. — Mas, primeiro, devia ser datada e avaliada. Nem quer saber o que é nem a quem pertenceu. Para ele é apenas um objecto para trocar por uma grade de cerveja.

— Isso é uma pena. — Marla suspirou, enquanto observava Ray a servir-lhe um copo de vinho. — E eu sei como te sentes, minha querida. Os Tates sempre defenderam a História.

— E os Beaumonts — acrescentou o marido. — É o modo de vida do Sul. Tens razão, Tate. — Ray gesticulou com o garfo. — E compreendo o que queres dizer. Mas também compreendo o lado do Matthew. A solução rápida, a recompensa célere pelo seu investimento. Se o seu avô tivesse seguido esse mesmo caminho, teria sido um homem muito rico. Em vez disso, decidiu partilhar as descobertas e acabou sem nada.

— Podemos encontrar um meio-termo — insistiu Tate.

— Nem todos o conseguem. Mas acredito que o Buck e eu conseguimos. Se encontrarmos o *Isabella* ou o *Santa Marguerite*, candidatamo-nos a uma licença de exploração, desde que não excedamos os limites. Seja como for, partilharemos o que conseguirmos encontrar com o governo de Saint Kitts e Nevis, algo a que ele acedeu com relutância. — Ray levantou os óculos, observando o vinho. — Concordou porque nós temos algo de que ele precisa.

— E o que é isso? — quis saber Tate.

— Temos uma base financeira suficientemente forte para continuar esta operação durante algum tempo, com ou sem resultados. Podemos dispensar esse tempo, uma vez que acordámos que adiarias o teu próximo

semestre. E se assim se proporcionar, poderemos comprar o equipamento necessário para uma operação de resgate mais alargada.

— Ou seja, eles estão a usar-nos. — Exasperada, Tate afastou o prato. — Era precisamente aí que eu queria chegar, pai.

— Numa parceria, metade deve usar a outra metade.

Longe de estar convencida, Tate levantou-se para se servir de limonada fresca. Em teoria, não era contra as parcerias. Desde muito cedo, aprendera a importância do trabalho em equipa. Mas esta equipa em particular preocupava-a muitíssimo.

— E qual será o seu contributo para esta parceria?

— Em primeiro lugar, são profissionais. Nós somos amadores. — Ray acenou com a mão quando pressentiu o protesto da filha. — Por muito que goste de sonhar com o contrário, nunca descobri um naufrágio, só explorei os que foram encontrados e resgatados por outros. Enfim, tivemos alguma sorte. — Pegou na mão de Marla e acariciou a aliança de ouro que usava. — Trouxemos algumas insignificâncias que outros ignoraram. Desde o meu primeiro mergulho que só sonho em encontrar um navio por descobrir.

— E vais conseguir — disse Marla, com uma fé inabalável.

— Pode ser este. — Tate passou a mão pelo cabelo. Por mais que adorrasse os pais, a sua falta de pragmatismo deixava-a nas horas. — Pai, toda a pesquisa que fizeste, os arquivos, os manifestos, as cartas. A forma como estudaste os registos da tempestade, as marés, tudo. Investiste tanto nisto.

— Pois investi — concordou. — E é por isso que me interessa muitíssimo que a pesquisa do Buck se alinhe com a minha. Posso aprender tanto com ele. Sabias que ele trabalhou durante três anos no Atlântico Norte, a mais de cento e cinquenta metros de profundidade? Águas geladas, águas escuras. Já resgatou na lama, nos corais, na área de alimentação dos tubarões. Imagina só.

Tate sabia que o pai conseguia imaginar, a julgar pela forma como o seu olhar se perdia no vazio, como os seus lábios começavam a desenhar um sorriso sonhador. Com um suspiro, pousou a mão no ombro do pai.

— Pai, só porque ele tem mais experiência...

— Uma vida inteira de experiência. — Ray esticou o braço para tocar na mão da filha. — Será esse o seu contributo. Experiência, perseverança, a astúcia de um caçador. E algo tão simples como mão-de-obra. Duas equipas, Tate, são mais eficientes do que uma. — Fez uma pausa. — Tate, é importante para mim que compreendas a minha decisão. Se não conseguires aceitá-la, eu digo ao Buck que o negócio fica sem efeito.

Mas Tate sabia que isso lhe custaria imenso. O seu orgulho, porque dera a palavra. A sua esperança, porque contava veementemente com o sucesso da equipa.

— Compreendo, pai — disse, deixando de lado a sua insatisfação. — E posso aceitar. Só tenho mais uma pergunta.

— Pergunta à vontade — convidou Ray.

— Como poderemos ter a certeza de que, quando a equipa deles desce, não vão ficar com o que encontrarem?

— Porque vamos dividir a parceria. — Ray afastou-se da mesa. — Eu mergulho com o Buck. Tu mergulhas com o Matthew.

— Não é uma ideia gira? — riu Marla para si mesma, ao contemplar a expressão horrorizada da filha. — Quem quer uma fatia de bolo?

A alvorada espalhou-se na água em matizes de bronze e rosa que espelhavam o céu. O ar era puro como prata e deliciosamente quente. Ao longe, os altos rochedos de Saint Kitts despertavam para o dia em suaves verdes e castanhos. Mas a sul, o cone vulcânico que dominava a pequena ilha de Nevis estava embrulhado em nuvens; as praias brancas completamente desertas.

Um trio de pelicanos voou por perto e depois mergulhou com três rápidos e praticamente inaudíveis chapes, criando uma cascata imensa de pequenas gotas de água. Emergiram e voaram, e mergulharam novamente, num ritmo cómico. Uma pequena ondulação embatia indolentemente no casco.

Lenta e deliciosamente, a luz ficou mais forte e a água parecia a superfície de uma safira.

O humor de Tate não melhorara com a paisagem, e vestia já o seu fato de mergulho. Verificou o relógio de mergulho, a bússola de pulso, as válvulas das garrafas. Enquanto o pai e Buck conversavam e bebiam café no convés da frente, ela prendia a faca na bainha da canela.

A seu lado, Matthew imitava os seus movimentos.

— Não estou mais contente com a situação do que tu — murmurou. Pegou nas garrafas dela e ajudou-a a prendê-las.

— Já me sinto muito melhor.

Apertaram os cintos, atentos um ao outro em declarada desconfiança.

— Tenta acompanhar-me e não te metas no meu caminho. Assim não teremos problemas.

— A sério? — Cuspiu para a máscara, esfregou e lavou. — Porque não sais tu do meu caminho?

Tate pôs um sorriso amarelo quando viu que Buck e o pai se aproximavam.

— Pronta? — perguntou-lhe Ray, verificando também as presilhas das garrafas. Olhou para a garrafa laranja que servia de marcador. Oscilava tranquilamente em águas calmas. — Lembra-te da localização.

— Norte por noroeste, como no filme do Cary Grant. — Tate beijou-lhe a bochecha e inalou o seu *aftershave*. — Não te preocupes.

Não estava preocupado, pensava Ray. Claro que não. Mas era tão raro ver a filha a descer sem ele.

— Diverte-te.

Buck enganchou os polegares no elástico dos calções. As pernas eram dois troncos largos entremeados por dois joelhos salientes. A careca estava coberta por um boné dos Dodgers sujo de óleo. Os seus olhos mascaravam-se com óculos de sol graduados.

A Tate parecia um gnomo gordo e mal vestido. Por qualquer motivo, achava-o interessante.

— Eu tomo conta do seu sobrinho, Buck.

Ele riu-se do comentário, com uma gargalhada que soava a grivilha a embater numa rocha.

— Faz isso, rapariga. E boa caçada.

Com um aceno de cabeça, Tate executou uma elegante cambalhota para trás, da grade de mergulho, submergindo. Esperou, como uma parceira responsável, pelo mergulho de Matthew. Assim que o viu entrar na água, voltou-se e dirigiu-se ao fundo.

Algas marinhas da cor dos lilases oscilavam graciosamente ao ritmo da corrente. Os peixes, assustados pela intrusão, fugiam, criando uma corrente colorida de vida e movimento. Se estivesse com o pai, teria ficado a apreciar o momento, aquela sempre deslumbrante transição entre uma criatura do ar e uma do mar.

Poderia ter tido tempo para apanhar algumas conchas bonitas para a mãe ou ficar tempo suficiente para atrair um peixe e deixá-lo inspeccioná-la.

Mas com Matthew cada vez mais próximo, Tate estava mais interessada em competir do que em se deixar maravilhar pelo mar.

Vamos ver se ele me consegue acompanhar, pensou, dando novo impulso com as pernas e nadando para oeste. A água era mais fria, à medida que descia, mas perfeitamente confortável. Era uma pena que estivessem longe dos recifes e jardins de corais mais interessantes, embora houvesse mais do que suficiente para preencher os sentidos — a água, o movimento das algas, um peixe que dardejava.

Manteve-se atenta a altos ou mudanças de cor na areia. Não voltaria a deixar escapar o que quer que fosse para ele poder voltar a emergir triunfante.

Pegou num pedaço de coral, estudou-o e libertou-o. Matthew mergulhou para junto dela, assumindo o comando. Embora Tate se recordasse que a mudança de liderança era um procedimento normal no

mergulho, apressou-se a chegar ao ponto em que estaria novamente à frente.

Comunicavam apenas quando absolutamente necessário. Depois de concordarem em separar-se, mantiveram-se atentos um ao outro. Tanto por uma questão de desconfiança como de segurança, pensava Tate.

Durante uma hora, passaram a pente fino a zona onde tinham descoberto a espada. A impaciência começou a tomar conta de Tate quando viu que não conseguiam descobrir mais nada. Agitando a areia com as barbata-nas, sentiu o coração disparar ao vislumbrar algo com brilho. As suas visões de uma qualquer fivela de sapato antiga ou bandeja desfizeram-se assim que o objecto revelou ser apenas uma lata de refrigerante do século XX.

Desanimada, nadou para norte. Ali, de repente, surgiu um vasto jardim subaquático de conchas e corais com padrões vívidos e peixes coloridos a alimentarem-se. Alguns corais, belos mas demasiado frágeis para sobreviverem ao movimento das ondas em águas mais superficiais, flutuavam e dispersavam-se em ondas de rubi, esmeralda e amarelo-mostarda. Era o lar de dezenas de criaturas que se escondiam nos seus tentáculos, se alimentavam neles ou deles mesmo.

Sentiu uma onda de prazer quando divisou um búzio com a sua concha cor-de-abóbora a abrir caminho laboriosamente por um rochedo. Um peixe-palhaço rasgou caminho por entre os tentáculos de pontas arroxeadas de uma anémoma marinha, imune às suas mordidelas. Um trio de peixes-anjo-real nadava por ali, numa formação própria para a busca do pequeno-almoço.

Tal e qual uma criança numa loja de doces, pensava Matthew, observando-a. Mantinha a sua posição em movimentos lentos, com os olhos animados, tentando absorver tudo ao mesmo tempo.

Gostaria de a ver como simplesmente tola, mas apreciava o teatro do mar. À sua volta desenrolavam-se o drama e a comédia do fundo do mar — os halichoeres, amarelos como o Sol, ocupados a limpar o exigente cangulo-real, dedicados como damas de honor. Mais além, rápida e mortal, a traiçoeira moreia disparava da sua caverna para cravar os dentes numa garoupa incauta.

Ela não parecia retrair-se ao testemunhar em primeira mão um instante de morte, parecia estudá-lo. E ele tinha de admitir que ela era uma boa mergulhadora. Forte, ágil, cautelosa. Não gostava de trabalhar com ele, mas cumpria a sua parte da tarefa.

Ele sabia que a maior parte dos amadores ficavam desanimados se não encontrassem alguma moeda perdida ou um qualquer artefacto em menos de uma hora. Mas ela era consistente e aparentemente incansável. Mais duas características que apreciava em qualquer parceiro de mergulho.

Já que tinham de trabalhar juntos, pelo menos durante alguns meses, mais valia aproveitar o melhor possível.

Tentando estabelecer uma trégua, nadou para junto dela e tocou-lhe no ombro. Ela olhou para trás, com um ar indiferente mal camuflado pela máscara. Matthew apontou para trás de si e observou o mesmo olhar animar-se quando ela viu o cardume de pequenos peixes prateados. Numa onda cintilante, nadaram como uma massa única, a menos de cinco centímetros da mão de Tate, depois desapareceram.

Ainda estava a sorrir quando viu a barracuda.

Estava a menos de um metro de distância, deslocando-se silenciosamente, exibindo a sua dentição e o olhar firme. Desta vez, ela apontou. Quando Matthew percebeu que ela estava divertida e não assustada, retomou a sua busca.

Tate olhou para trás casualmente, para se certificar de que os seus movimentos não estavam a atrair os peixes. A barracuda mantinha-se tranquila, ao longe. Algum tempo depois, quando voltou a olhar, o animal tinha desaparecido.

Reparou no conglomerado assim que Matthew pegou nele. Irritada e certa de que a sua desconcentração a tinha levado a perder aquela oportunidade, nadou alguns metros mais para norte.

Enfurecia-a a forma como ele parecia estar sempre próximo dela. Se não estivesse atenta aos movimentos dele, era ele que estava atento aos dela. Querendo demonstrar indiferença, deu um forte impulso com as pernas, pois não queria que ele pensasse que estava interessada naquele pedaço de pedra, por mais promissora que fosse a sua superfície encrostada.

E foi então que deu com a moeda.

Uma pequena área de areia escurecida fê-la aproximar-se. Agitou a areia com o movimento das barbatanas, mais por hábito do que por entusiasmo, pensando que se trataria de uma moeda perdida de algum mergulhador ou de um pedaço de lata enferrujada, atirado por um qualquer barco. Mas o objecto escurecido estava apenas coberto por uma fina camada de areia. Sentiu, no preciso momento em que lhe tocou, que estava a tocar numa lenda.

Pesos, pensou, excitada com a descoberta. Uma lengalenga de piratas, o tesouro de um pirata.

Percebendo que estava a sustentar a respiração, um erro perigosíssimo, começou a respirar lentamente, ao mesmo tempo que limpava a área com o polegar. Divisou o suave brilho da prata no canto da moeda de forma irregular.

Lançando um olhar cauteloso na direcção de Matthew, certificando-se de que estava ocupado, guardou o objecto dentro da manga do seu fato de mergulho. Vitoriosa, começou a procurar mais sinais.

Quando viu que a válvula da garrafa e o relógio indicavam que já não tinham mais tempo, tomou nota da sua posição e voltou-se na direcção do seu parceiro. Ele assentiu e apontou com o polegar para cima. Começaram a nadar para este, subindo lentamente.

O saco de mergulho de Matthew estava carregado de conglomerado, o que ele fez questão de lhe fazer notar, apontando para o dela, vazio. Ela desenhou um encolher de ombros e emergiu, escassos segundos antes dele.

— Pouca sorte, Ruiva.

Tate engoliu o seu sorriso de superioridade, subindo para o barco.

— Talvez. — Agarrando a escada do *Aventura*, atirou as barbatanas para o sítio onde o pai a aguardava. — Ou talvez não.

— Como correu? — Assim que a filha subiu ao convés, Ray ajudou-a a libertar-se do cinto e das garrafas. Reparando no seu saco vazio, fez um esforço para disfarçar o desapontamento. — Nada que valesse a pena trazer para cima, hã?

— Não diria tanto — comentou Matthew, entregando a Buck o seu saco cheio, antes de desapertar o fato. A água escorria-lhe do cabelo, acumulando-se aos seus pés. — Pode ser que apareça alguma coisa depois de partirmos isso.

— O rapaz tem uma espécie de sexto sentido em relação a estas coisas.

Buck pousou o saco num banco. Já sentia nos dedos o formigueiro que o instava a martelar o conglomerado.

— Posso ajudar — ofereceu-se Marla. Usava o seu chapéu florido e um vestido de praia amarelo-canário que realçava o cabelo cor de fogo. — Mas queria filmar, primeiro. Tate, tu e o Matthew bebam qualquer coisa fresca e comam. Eu sei que estes dois mal podem esperar por descer e tentar a sorte.

— Claro. — Tate afastou o cabelo molhado do rosto. — Ah, e por falar em sorte. — Dobrou as mangas do fato de mergulho, deixando cair meia dúzia de moedas no convés. — Parece que também tive um pouco disso.

— C'um caneco!

Matthew agachou-se de imediato. Sabia bem, pelo peso e forma, o que ela tinha encontrado. Enquanto os outros vibravam de excitação, ele esfregou uma moeda com os dedos e olhou friamente para o sorriso convencido de Tate.

Não invejava a sua descoberta. Mas enervava-o que ela tivesse conseguido fazê-lo passar por tolo.

— Onde as encontraste?

— Alguns metros a norte de onde encontraste as pedras. — Sentiu que o olhar irritado dele compensava a perda da espada. — Estavas tão entretido que não te quis interromper.

— Pois, aposto que não.

— Espanhola. — Ray fixava a moeda aninhada na sua palma. — 1733. Pode ser isto. A data corresponde.

— Mas pode ser de um dos outros navios — respondeu Matthew. — O tempo, as correntes, a tempestade... dispersam tudo.

— Mas podem ser perfeitamente do *Isabella* ou do *Santa Marguerite*. — O olhar de Buck era febril. — O Ray e eu vamos concentrar-nos na zona onde as encontraste. — Levantou-se da sua posição agachada e entregou uma moeda a Tate. — Estas são para juntar ao prémio, mas acho que deves ficar com uma para ti. Está bem para ti, Matthew?

— Claro — respondeu, encolhendo os ombros, para depois se voltar para a arca frigorífica. — Não é nada de mais.

— Para mim, é — murmurou Tate, ao aceitar a moeda das mãos de Buck. — É a primeira vez que encontro moedas. Pesos. — Riu-se e inclinou-se para a frente para oferecer um beijo impulsivo a Buck. — Que sensação!

A expressão dele tornou-se sombria. As mulheres sempre tinham constituído um mistério para ele, sobretudo à distância.

— Agarra-te bem a isso, a essa sensação. Não sabemos quanto teremos de esperar por outro momento igual. — Deu uma palmada nas costas de Ray. — Vamos lá vestir-nos, parceiro.

Em trinta minutos, a segunda equipa tinha já mergulhado. Marla estendera uma toalha velha no chão e estava entretida a desfazer o conglomerado. Tate adiou o almoço para polir as moedas de prata.

Ali perto, Matthew estava sentado no convés a limpar as migalhas da sua segunda sanduíche de *bacon*, alface e tomate.

— Digo-lhe uma coisa, Marla. Posso vir a gostar muito de si. Tem cá uma maneira de pôr a comida a funcionar...

— Ora, qualquer um sabe fazer uma sanduíche. — O martelo alternava com a sua voz doce como mel. — Tem de jantar connosco, Matthew. E então verá o que é cozinhar.

Matthew podia jurar que ouvira Tate a ranger os dentes.

— Adoraria. Posso ir a Saint Kitts, se precisar de alguma coisa.

— Que simpático. — Ela tinha mudado de roupa, vestindo agora uns calções e uma camisa larga e estava a transpirar. Mas ainda parecia uma beleza sulista a planear um chá dançante. — Dava-me jeito leite fresco para fazer uns biscoitos.

— Biscoitos? Marla, por uns biscoitos caseiros, era capaz de trazer a vaca a nado da ilha!

Matthew foi recompensado pela gargalhada densa e contagiante de Marla.

— Só preciso de um litro. Ah, mas não é já — disse, acenando para que ele se sentasse, quando viu que se preparava para sair. — Temos muito tempo. Almoce e aproveite o sol.

— Pára de seduzir a minha mãe — disse Tate em voz baixa.

Matthew aproximou-se sorrateiramente.

— Eu gosto da tua mãe. Tens o cabelo dela — murmurou. — E os olhos também. — Pegou noutra metade de sanduíche e trincou. — Só é pena que não sejas parecida com ela noutras coisas.

— Também tenho a sua estrutura delicada — comentou Tate, com um sorriso forçado.

Matthew demorou-se na análise.

— Sim, parece que tens.

Subitamente desconfortável, Tate recuou uns centímetros.

— Estás a cercar-me — queixou-se. — Como quando estás a mergulhar.

— Toma, dá uma trinca. — Ofereceu-lhe a sanduíche, quase a enfiando na boca dela, de modo a que não pudesse não trincar. — Decidi que serás o meu amuleto.

Em vez de se engasgar, Tate engoliu em seco.

— Desculpa?

— Há um tom doce, do Sul, na forma como dizes isso — observou. — Só um toque de gelo sob o mel. O meu amuleto — repetiu. — Porque estavas por perto quando encontrei a espada.

— Tu é que estavas perto quando eu a encontrei.

— Ou isso. Há poucas coisas a que nunca viro as costas. Um homem com ganância no olhar e uma mulher com fogo no dela. — Ofereceu um pouco mais da sua sanduíche a Tate. — E à sorte. Boa ou má.

— Acho que seria mais inteligente afastares-te da má sorte.

— Enfrentá-la é a melhor opção. E a mais rápida. Os Lassiters têm tido uma grande maré de má sorte. — Com um encolher de ombros, terminou a sanduíche que Tate recusou. — Parece que me trouxeste um pouco da boa.

— Eu é que encontrei as moedas.

— Talvez eu também te traga algumas.

— Encontrei qualquer coisa — cantarolou Marla. — Venham ver.

Matthew levantou-se e, depois de alguma hesitação, estendeu a mão. Com a mesma dose de cautela, Tate aceitou-a e deixou-o içá-la.

— Pregos — disse Marla, gesticulando com uma mão ao mesmo tempo que passava o lenço pelo rosto húmido com a outra. — Parecem antigos. E isto... — Retirou um pequeno disco do meio dos pedaços de rocha. — Parece uma espécie de botão. De cobre ou bronze, talvez.

Com um resmungo, Matthew baixou-se. Divisou no monte dois

picos de ferro, um monte de pedaços de porcelana, um bocado de metal partido que poderia ser uma fivela ou alfinete de algum tipo. Mas os pregos eram o que o intrigava mais.

Marla tinha razão. Eram antigos. Pegou num, virou-o em todos os sentidos, imaginando que poderia ter fixado pranchas de madeira condenadas a tempestades e aos vermes marinhos.

— Latão — anunciou Tate com deleite, ao limpar as marcas da corrosão com um solvente e um trapo. — É um botão. Tem um desenho, uma flor. Uma pequena rosa. Pertenceria provavelmente a um vestido de uma passageira.

A simples ideia deixava-a triste. A mulher, ao contrário do botão, não tinha sobrevivido.

— Talvez. — Matthew olhou rapidamente para o botão. — O mais certo é termos descoberto o sítio de embate.

Tate colocou os óculos de sol para cortar um pouco da luminosidade.

— O que quer isso dizer?

— Exactamente o que a expressão diz. Provavelmente encontrámos o local onde o navio chocou, para depois ser levado pelas ondas. Os destroços têm de estar num outro sítio qualquer. — Ergueu o olhar, para observar o horizonte. — Outro sítio qualquer — repetiu.

Mas Tate abanou a cabeça.

— Não me vais deixar desanimada depois disto. Não viemos de mãos a abanar, Matthew. Um mergulho bastou para trazermos tudo isto. Moedas e pregos.

— Pedacos de louça e um botão de latão. — Matthew atirou o prego para o monte. — Trocos, Ruiva. Até para um amador.

Tate tocou na moeda que pendia ao pescoço dele.

— Onde há fumo, há fogo. O meu pai acredita que temos hipóteses de fazer uma grande descoberta. E eu também.

Estava prestes a tremer de fúria, notou ele. Com o queixo erguido, aguçado como os pregos a seus pés, de olhos fixos e ardentes.

Meu Deus, porque tinha ela de ser uma menina de faculdade?

Moveu-se para lhe dar deliberadamente um toque leve e insultuoso no rosto.

— Bem, sempre nos entretemos. Mas o mais certo é que, onde há fumo, haja fumo apenas. — Afastou as mãos e levantou-se. — Eu limpo-lhe isto, Marla.

— És mesmo um porreiraço, Lassiter. — Tate arrancou a *t-shirt* pela cabeça. Por qualquer motivo, a forma como ele a olhara, apenas por um instante, incendiara-lhe a pele. — Vou dar um mergulho. — Aproximando-se do costado, mergulhou.

— É mesmo filha do seu pai — comentou Marla com um sorriso tranquilo. — Sempre certa de que o trabalho duro, a perseverança e um grande coração compensam. A vida é bem mais dura para eles do que para nós, os que sabemos que essas qualidades nem sempre bastam. — Deu uma sapatada amigável no ombro de Matthew. — Eu arrumo isto, Matthew. Tenho o meu próprio método. Vá lá comprar-me o tal leite.

3.

Para Tate, o pessimismo era uma forma de covardia. Parecia-lhe simplesmente um modo de nunca lidar com a desilusão.

Era ainda pior quando o pessimismo levava a melhor.

Depois de duas semanas de mergulho em equipa, de sol a sol, não conseguiram mais do que alguns pedaços de metal enferrujado. Disse para si mesma que não se deixaria derrotar, dedicando, a cada turno seu, mais entusiasmo e cuidado do que seria necessário.

À noite, começou a estudar as cartas do pai, as cópias que fizera durante a sua pesquisa. Quanto mais indiferente Matthew se tornava, mais Tate se esforçava por provar que estava errado. Queria encontrar aqueles destroços agora, desesperadamente. Nem que fosse para o derrotar.

Tinha de admitir que as últimas semanas não tinham sido completamente perdidas. O tempo estava delicioso, os mergulhos eram espetaculares. O tempo que passara na ilha quando a mãe insistiu que fizessem uma pausa fora preenchido por compras de lembranças para os amigos, visitas e piqueniques na praia. Explorara cemitérios e igrejas antigas, na esperança de encontrar mais pistas para o mistério dos naufrágios de 1733.

Mas, acima de tudo, aproveitou para observar o pai com Buck. Eram um par estranho — um baixo e redondo, careca como um pêssago, o outro aristocraticamente elegante com uma vasta juba loira.

O seu pai falava com a languidez lenta e doce da costa da Carolina, enquanto a conversa de Buck era uma torrente de impropérios proferidos com a típica agilidade do Norte. Mas os dois fundiam-se como dois velhos amigos acabados de se reencontrar.

Era frequente, quando emergiam de mais um mergulho, rirem-se como dois rapazes que tinham acabado de fazer uma asneira. Um parecia ter sempre uma história qualquer a contar sobre o outro.

Tate estava fascinada com a forma como a amizade entre eles nascera e crescera tão rapidamente. Em terra, os amigos do pai eram homens de negócios, a brigada engravatada de sucesso, riqueza moderada e herança sulista.

Ali, ele via-o a bronzear-se com Buck, partilhando cerveja e sonhos de fortuna.

Marla tirava uma ou outra fotografia ou usava a sua câmara de vídeo omnipresente e chamava-lhes os dois velhotes.

Preparando-se para o seu mergulho matinal, ouviu-os discutirem sobre *baseball* enquanto tomavam café com croissants.

— O Buck sabe mesmo muito pouco de *baseball* — comentou Matthew. — Faz de conta que sim para poder discutir com o Ray.

Tate sentou-se para colocar as barbatanas.

— Pois eu acho que é simpático da parte dele.

— Não disse que não era.

— Nunca dizes.

Sentou-se ao lado dela.

— Está bem, é simpático. Andar com o teu pai tem sido bom para o Buck. Os últimos anos têm sido complicados. Já não o vejo assim divertido desde... há muito tempo.

Tate libertou um longo suspiro. Era difícil irritar-se com tamanha sinceridade.

— Eu sei que gostas dele.

— Claro que gosto. Esteve sempre presente quando precisei dele. Faria qualquer coisa por ele. — Matthew confirmou se a máscara estava bem colocada. — Raios, fez-me mergulhar contigo, não foi? — E, dito isto, rolou para dentro da água.

Em vez de se sentir insultada, sorriu e mergulhou depois dele.

Seguiram o caminho do marcador. Tinham vindo a avançar para norte. Sempre que entravam num território novo, Tate sentia a mesma agitação ansiosa. Sempre que desciam, dizia para si mesma que desta vez era certo.

A água era agradavelmente fria na sua pele exposta ao Sol. Gostava da forma como a água deslizava pelo seu cabelo à medida que descia.

Os peixes já estavam habituados à sua presença. Era normal que uma garoupa curiosa ou peixe-anjo se apresentassem ocasionalmente. Ela começara a trazer um saco de plástico com bolachas ou migalhas de pão, e permitia-se sempre alguns minutos antes da exploração para os alimentar e deixá-los nadar à sua volta.

Invariavelmente, a barracuda que eles baptizaram de Sorridente apreciava, mantendo sempre alguma distância, sempre atenta. Não era uma mascote particularmente animada, mas era leal.

Tate e Matthew tinham já desenvolvido uma rotina agradável. Trabalhavam perto um do outro, raramente atravessando a linha invisível que ambos reconheciam separar os seus territórios. No entanto, partilhavam

as suas descobertas da vida marinha. Um aceno com a mão, um toque na garrafa para apontar para um cardume de peixes ou uma raia escondida.

Matthew era mais fácil de aturar debaixo de água do que à superfície, concluía Tate. Volta e meia, esse silêncio era interrompido pelo rugido estridente de um barco turístico por cima deles. Tate conseguira até escutar o eco vago da música emitida por um rádio portátil aos berros, com a voz de Tina Turner a perguntar o que teria o amor a ver com o assunto.

Cantando mentalmente, Tate decidiu dirigir-se a uma formação de coral. Assustou uma garoupa, que lhe fez um olhar indignado antes de nadar para longe. Divertida, Tate olhou para trás. Matthew estava a nadar para oeste, mas ainda o conseguia ver. Voltou para norte, em direcção às belas nuances de vermelho e castanho que compunham a formação.

Tate estava já por cima do coral quando percebeu que não o era — eram rochas. De imediato deixou escapar algumas bolhas pelo bucal. Se estivesse à superfície, teria ficado boquiaberta.

Balastro. Só podia ser balastro. Confiando nas suas pesquisas, estava certa de que a cor significava que pertencia a um galeão. As escunas utilizariam a pedra cinzenta dura. O balastro de um galeão, pensava ela, num embalo sonhador. Que se perdera, que fora esquecido. E agora encontrado.

Um dos barcos naufragados em 1733 estaria ali e ela tinha-o encontrado.

Deu um grito que lhe granjeou menos do que centenas de pequenas bolhas que lhe taparam a visão. Recordando-se de onde estava, desembainhou a faca da sua bainha e tocou energeticamente na garrafa.

Dando meia volta, divisou a sombra do parceiro a poucos metros dali. Pensava que ele estava a fazer-lhe sinais e, impaciente, voltou a soar a faca na garrafa.

Anda cá, caramba.

Voltou a tocar, insistindo o mais que podia no sinal monocórdico. Com alguma satisfação e princípios de arrogância, observou-o a rasgar a água na sua direcção.

Podes ficar irritado até ao Natal, espertalhão, pensou. E prepara-te para uma lição de humildade.

Tate testemunhou o instante em que ele reconheceu as pedras, a ligeira hesitação no ritmo e a posterior aceleração dos movimentos. Incapaz de se conter, sorriu-lhe e tentou desenhar uma pirueta na água.

Por trás da sua máscara, os olhos de Matthew eram azuis como o cobalto e intensos, com um ar de desafio que lhe fez disparar o coração. Ele circulou o monte uma vez, aparentemente satisfeito. Quando pegou na mão dela, Tate apertou-lhe os dedos suave e amigavelmente. Esperava que

emergissem e anunciassem a sua descoberta, mas ele empurrou-a para trás, na direcção do local onde estava.

Ela deteve-se, abanando a cabeça e apontando com o polegar para cima. Matthew apontou para oeste. Tate revirou os olhos, voltou a apontar para o monte de balastro e começou a nadar para a superfície.

Matthew agarrou-lhe o tornozelo, assustando-a com a forma demasiado íntima com que ele a tocava na perna, puxando-a completamente para baixo. Ponderou a hipótese de lhe dar um murro, mas ele prendera-lhe o braço e estava a arrastá-la.

Tate não teve outra opção senão deixar-se ir, imaginando todas as coisas terríveis que lhe diria assim que conseguissem falar.

Então ela viu o que ele descobrira, abrindo a boca em completo espanto. Reajustou o bucal, lembrou-se de respirar e fixou os canhões.

Estavam corroídos, cobertos de flora marinha e meio enterrados na areia. Mas estavam ali, as grandes armas que em tempos agraciaram a frota espanhola, defendendo-a dos piratas e inimigos do reino. Sentia-se capaz de chorar de tanta alegria.

Mas, em vez disso, apertou Matthew num abraço trapalhão e girou em torno dele no que parecia ser uma dança de vitória. A água redemoinhava em torno dos dois e um cardume de peixes dardejava em torno deles como lâminas. As máscaras embateram e Tate libertou uma gargalhada, ainda agarrada a Matthew, rumando os dois à superfície, doze metros acima deles.

Assim que emergiram, ela retirou a máscara e deixou cair o bucal.

— Matthew, viste? Está mesmo lá em baixo.

— Assim parece.

— E fomos os primeiros a encontrá-lo. Depois de mais de duzentos e cinquenta anos, fomos os primeiros.

O sorriso dele abriu-se por completo, movendo-se com ela para se manter à superfície.

— Um naufrágio por explorar. E é todo nosso, Ruiva.

— Mal posso acreditar. Não é nada como das outras vezes. Alguém já tinha lá chegado e nós só andávamos a espreitar o que alguém pudesse ter esquecido. Mas isto... — Atirou a cabeça para trás e riu-se. — Oh, meu Deus. É maravilhoso. Espectacular!

E com outra gargalhada, ela abraçou-o, quase afogando-os, e levou os lábios aos dele, num inocente beijo de alegria.

Os lábios dela estavam molhados e frios e curvos. O choque de senti-los contra os seus tolheu-lhe o raciocínio por alguns segundos. Não estava plenamente consciente de que abrira já os lábios dela com os dentes, introduzindo a língua na boca dela, que convertera aquele beijo inocente num beijo de desejo.

Sentiu a respiração dela fraquejar e os lábios a corresponderem. Depois, escutou o suave e delicioso suspiro que ela exalou.

Asneira. A palavra gravava-se a fogo no seu cérebro. Mas ela cedera completamente ao beijo, numa entrega tão irresistível como inesperada.

Tate sentia o sabor do sal, do mar e do homem, e perguntava-se se alguém alguma vez experimentara tantos sabores ao mesmo tempo. Uma luz dourada oferecida pelo Sol reflectia-se como diamantes em dança na água; a água fria, suave e sedutora. Pensou que talvez o seu coração paras-se, mas nada disso parecia importar. Nada podia importar neste mundo estranho e delicioso senão o sabor e a sensação da boca dele.

Mas, então, ele largou-a e deixou-a atordoada, à porta daquele maravilhoso mundo novo. Ela pontapeou na água instintivamente para se manter à tona e pestanejou na direcção de Matthew com os seus olhos enormes e sonhadores.

— Estamos a perder tempo — disse ele bruscamente, amaldiçoando-se. Quando ela fechou os lábios com força como se para gravar neles a memória daquele beijo, ele resmungou para si mesmo e para ela.

— O que foi?

— Pára lá de sonhar. Uma rapariga da tua idade já deve ter sido beijada.

O tom agreste da voz dele e o insulto que se camuflava naquelas palavras irrompeu pelas nuvens do sonho.

— É claro que sim. Foi apenas uma forma de te dar os parabéns.

Que não devia ter deixado tamanha sensação de vazio nas suas entranhas.

— Deixa lá isso. Temos de contar o que se passou aos outros e colocar os marcadores.

— Está bem. — Começou a nadar em direcção ao barco num rápido e eficiente estilo crawl. — Não percebo porque ficaste tão chateado.

— Imagino que não compreendas — murmurou Matthew, começando a nadar atrás dela.

Decidida a não permitir que Matthew lhe estragasse o dia mais excitante da sua vida, Tate subiu ao barco.

Marla estava sentada debaixo do toldo a arranjar as unhas. Uma das mãos estava já pintada de salmão-claro. Olhou para os mergulhadores com um sorriso.

— Chegaste cedo, querida. Não te esperava senão daqui a uma hora ou assim.

— Onde estão o pai e o Buck?

— Na casa das máquinas, a ver aquele mapa antigo, outra vez. — O sorriso de Marla começou a esmorecer. — Passa-se alguma coisa. Mat-

thew? — Saiu rapidamente da cadeira, com o olhar de pânico. O seu secreto e inconfessado medo de tubarões ameaçava explodir. — Magoou-se? O que aconteceu?

— Ele está bem. — Tate desapertou o cinto. — Está mesmo atrás de mim. — Escutou as barbatanas a caírem no convés, mas não se voltou para lhe dar a mão. Em vez disso, respirou fundo. — Não se passa nada, mãe. Nada mesmo. Está tudo ótimo. Descobrimo-lo.

Marla correu para o costado para se certificar de que Matthew estava mesmo bem. O seu coração começou a acalmar-se quando viu que ele estava são e salvo.

— Encontraram o quê, querida?

— Os destroços. — Tate passou a mão pelo rosto, admirada por ver que tinha os dedos a tremer. Sentia também um ruído nos ouvidos e uma aflição no peito. — Um deles. Encontrámo-lo.

— Meu Deus! — Buck estava à porta da casa das máquinas. O seu rosto habitualmente corado estava sem ponta de sangue e o olhar perplexo. — Qual deles? — perguntou numa voz esforçada. — Qual encontraram, rapaz?

— Não sei dizer. — Matthew retirou as garrafas. O seu batimento cardíaco ainda estava acelerado, mas sabia dever-se tanto ao facto de quase ter devorado Tate como à possibilidade de encontrarem o tesouro. — Mas sei que está lá em baixo, Buck. Encontrámos balastro, balastro de galeão e canhões. — Olhou para além de Buck, para Ray, de olhos esbugalhados. — O outro local devia ter sido o do embate, como eu pensava. Mas este pode ser mesmo o sítio certo.

— Qual... — Ray precisou de aclarar a voz. — Qual era a posição, Tate?

Ela abriu a boca mas fechou-a novamente quando percebeu que se entusiasmara de mais para a registar. Corou instantaneamente.

Matthew olhou para ela, oferecendo-lhe um sorriso arrogante antes de dar as coordenadas a Ray.

— Teremos de colocar as bóias marcadores. Vistam-se que eu mostro-vos o que encontrámos. — Depois sorriu. — Acho que sempre vamos dar uso àquele aspirador novo, Ray.

— Sim. — Ray olhou para Buck. A sua expressão de espanto começava a desaparecer. — Diria que tem razão. — Com um golpe, puxou Buck. Os homens abraçaram-se, balouçando como se embriagados.

Precisavam de um plano. Era Tate que, depois da ruidosa celebração à noite, se revelava mais sensata. Era necessário um sistema para resgatar o que houvesse no naufrágio e preservá-lo. Teriam de validar legalmente o seu di-

reito ao que encontrassem. Teria de ser algo concreto. E os artefactos teriam de ser catalogados com precisão.

Precisariam de uma boa câmara aquática para registar o local e a posição dos artefactos que descobrissem, vários blocos de apontamentos de qualidade para tirarem notas. Quadros de ardósia e grafite para desenharem debaixo de água.

— Em tempos — comentava Buck, servindo-se de mais uma cerveja —, o que um homem encontrasse era dele, desde que conseguisse evitar os piratas e os ladrões. Tínhamos de saber manter o bico calado, sabem, não nos podíamos desmanchar, e estar dispostos a lutar pelo que era nosso. — As suas palavras arrastavam-se à medida que ele deambulava com a garrafa na mão. — Mas agora há regras e toda a gente quer uma parte daquilo que encontrámos com o nosso trabalho e a ajuda de Deus. E há muitos que estão mais preocupados com uns pedaços de madeira comidos pelas larvas do que um carregamento de prata.

— A integridade histórica de um navio naufragado é importante, Buck. — Ray argumentava igualmente com a garrafa de cerveja, ponderando as possibilidades. — O seu valor histórico, a nossa responsabilidade para com o passado e o futuro.

— Porra. — Buck acendeu um dos dez cigarros que se permitia todos os dias. — Já se foi o tempo em que rebentávamos com o raio do barco até à Cochinchina só para chegarmos ao tesouro. Não digo que seja o mais inteligente. — Libertou uma baforada, o seu olhar perdendo-se nas memórias. — Mas era divertido como o raio.

— Não temos qualquer direito de destruir uma coisa para atingirmos o nosso propósito — murmurou Tate.

Buck lançou um olhar para Tate e sorriu.

— Espera até experimentares a febre do ouro, menina. Mexe connosco. Vês aquele brilho escondido na areia. É cintilante e intenso ao contrário do da prata. Pode ser uma moeda, uma corrente, um medalhão, alguma bugiganga que um homem há muito morto ofereceu à sua mulher há muito morta. E ali está, na tua mão, tão verdadeira como no dia em que foi produzida. E só consegues pensar em procurar mais.

Intrigada, Tate inclinou a cabeça e perguntou.

— É por isso que continua a mergulhar? Se encontrasse todo o tesouro que o *Isabella* e o *Santa Marguerite* contivessem, se encontrasse tudo e ficasse rico, continuaria a mergulhar em busca de mais?

— Mergulharei até à hora da minha morte. Só sei fazer isso. Só preciso disso. O teu pai era assim — continuou, olhando para Matthew. — Mesmo que encontrasse o tesouro todo ou voltasse com pouco mais do que uma bala de canhão, voltaria sempre a mergulhar. A sua morte travou-o. E

só a morte o poderia fazer. — A voz de Buck estava agora mais rouca, e ele fitava novamente a sua cerveja. — Ele queria o *Isabella*. Passara os últimos meses a descobrir o como, o quando e o onde. E agora poderemos colher os frutos do seu trabalho. A Maldição de Angelique.

— O quê? — Ray franziu o sobrolho intensamente. — A Maldição de Angelique?

— Matou o meu irmão — comentou Buck secamente. — Maldito feitiço de bruxa.

Reconhecendo os sinais, Matthew inclinou-se para a frente e retirou a garrafa de cerveja quase vazia das mãos do tio.

— Foi um homem que o matou, Buck. Um homem de carne e osso. Não foi nenhuma maldição nem nenhum feitiço. — Erguendo-se, ajudou Buck a pôr-se de pé. — Fica sempre um pouco lamechas quando bebe demasiado — explicou. — Daqui a nada começa a falar do fantasma do Barba Negra.

— Eu vi-o — balbuciou Buck, com um sorriso tolo. Os seus óculos tinham já deslizado para a ponta do nariz, o que o obrigava a fitar, por cima deles, a sua plateia com os seus olhos míopes. — Pensava que sim. Perto da costa de Ocracoke. Lembras-te, Matthew?

— Claro que sim. Amanhã temos um longo dia. É melhor voltarmos para o barco.

— Queres ajuda? — Ray levantou-se, com um ar surpreso e algo indignado por sentir que afinal também não se segurava muito bem de pé.

— Eu safo-me. Só preciso de o deitar no insuflável e levá-lo para o outro lado. Obrigado pelo jantar, Marla. Nunca tinha comido galinha frita como a sua. Está pronta bem cedo, miúda — instruiu Tate. — E prepara-te para aprenderes o que é trabalhar a sério.

— Estarei pronta. — Apesar de Matthew não lhe ter pedido ajuda, colocou-se do outro lado de Buck e pôs o braço dele nos seus ombros. — Vamos, Buck. Está na hora de ir para a cama.

— És uma menina muito querida. — Com um súbito afecto embriagado, apertou-a suavemente no braço. — Não é, Matthew?

— É um verdadeiro doce. Vou descer a escada primeiro. Se caíres, sou capaz de te deixar afogar.

— Gostava de ver isso. — Buck riu-se, apoiando-se em Tate, enquanto Matthew saltava para o outro lado. — Este rapaz era capaz de lutar contra tubarões para me defender. Os Lassiters mantêm-se unidos.

— Eu sei. — Cuidadosamente, embora Buck estivesse cada vez mais pesado, Tate conseguiu ajudá-lo a passar por cima da balaustrada. — Segure-se bem. — O absurdo do seu comentário fê-la rir-se ao vê-lo balouçar na escada sob o olhar atento de Matthew.

— Segura-te, Buck.

— Não te preocupes, menina. Ainda não foi construído o barco que eu não consiga abordar.

— Raios partam, vais fazer o barco virar. Buck, seu idiota. — Vendo a embarcação balouçar perigosamente, Matthew empurrou Buck para baixo. Ainda entrou alguma água, encharcando-os a ambos.

— Eu limpo, Matthew. — Com uma gargalhada divertida, Buck começou a apanhar a água com as mãos para tentar deitá-la fora.

— Fica quieto. — Matthew retirou os remos dos apoios e olhou para cima, vendo os Beaumonts a sorrirem. — Devia tê-lo obrigado a nadar até casa.

— Boa-noite, Ray. — Buck acenava animadamente enquanto Matthew remava. — Amanhã teremos bons dobrões à nossa espera. Ouro, prata e jóias cintilantes. Um naufrágio novo, Matthew — murmurava de queixo caído contra o peito. — Sempre soube que o encontraríamos. Foram os Beaumonts que nos trouxeram sorte.

— Sim. — Depois de prender os remos e a corda, Matthew fitou o tio desconfiadamente. — Achas que consegues subir, Buck?

— Claro que consigo. Tenho as mesmas pernas de marinheiro que Deus me deu, não tenho?

Foram as mesmas pernas que abanaram, fazendo baloiçar o barco, quando tentou içar-se pelo costado do *Diabo do Mar*.

Com mais sorte do que seria de esperar, Buck agarrou-se a uma corda e puxou-se, antes de fazer virar o insuflável. Encharcado até aos joelhos, Matthew juntou-se a ele no convés. Buck acenava entusiasticamente na direcção dos Beaumonts.

— Ei, *Aventura*. Está tudo bem.

— Veremos se dirás o mesmo amanhã de manhã — resmungou Matthew, ajudando Buck a instalar-se na casa das máquinas, pequena como um roupeiro.

— É boa gente, Matthew. A princípio ocorreu-me usarmos apenas o equipamento deles, andar por perto e depois ficar com o espólio. Seria fácil irmos os dois para baixo e recolher a melhor parte. Aposto que nem notavam a diferença.

— Provavelmente não — concordou Matthew, enquanto tirava as calças molhadas ao tio. — Também pensei na mesma coisa. Os amadores costumam merecer ser enganados.

— E passámos a perna a uns quantos — comentou Buck, risinhosamente. — Mas não consigo fazê-lo ao Ray. Acho que tenho ali um amigo. E já não tenho um desses desde que o teu pai morreu. E depois tem aquela mulher e filha bonitas. Não. — Abanou a cabeça com al-

gum arrependimento. — Não podemos piratear as pessoas de quem gostamos.

Matthew manifestou a sua concordância com um resmungo e fitou a rede pendurada entre as duas paredes da cabine. Esperava sinceramente não precisar de pegar em Buck ao colo e deitá-lo na rede.

— Tens de subir à tua rede.

— Sim. Vou ser sincero com o Ray. — Como um urso a entrar na sua caverna, Buck içou-se para a rede que baloiçou perigosamente até ele estar finalmente instalado. — Tenho de lhes contar sobre a Maldição de Angeli-que. Já tinha pensado nisso, mas nunca contei a ninguém excepto a ti.

— Não te preocupes com isso.

— Mas se eu não lhes contar, pode ser que não sejam afectados por ela. Não quero que isso lhes aconteça.

— Eles ficam bem. — Matthew desapertou as calças e despiu-as.

— Lembras-te daquela fotografia que te mostrei? Todo aquele ouro, os rubis e os diamantes. Custa-me a crer que algo tão bonito possa ser tão malévolos.

— Porque não pode. — Matthew despiu a camisa e atirou-a para o chão, para junto das calças. Tirou os óculos a Buck e pousou-os. — Dorme, Buck.

— Já se passaram mais de duzentos anos desde que queimaram aquela bruxa e ainda morre gente. Como o James.

Matthew ficou subitamente tenso e o seu olhar frio.

— Não foi um colar que matou o meu pai. Foi um homem. Foi o Silas VanDyke.

— VanDyke. — Buck repetiu o nome numa voz embriagada de sono. — Nunca se provou.

— Basta saber.

— Foi a maldição. A maldição da bruxa. Mas nós vamos derrotá-la, Matthew. Tu e eu vamos derrotá-la.

Buck começou a rressonar.

Maldita maldição, pensou Matthew. Encontraria o amuleto, sem dúvida. Seguiria as pegadas do pai até o encontrar. E quando o tivesse, vingar-se-ia do sacana que assassinara James Lassiter.

Só com a roupa interior vestida, saiu da cabine e observou a noite calma pintalgada de estrelas. A Lua lembrava uma moeda de prata partida ao meio. Deitou-se à sua luz, na sua própria rede, tão longe do seu tio quanto possível, para que o seu rressonar não fosse mais do que um sussurro.

Havia um colar, uma corrente de elos grossos de ouro e um pendente gravado com os nomes de amantes condenados, incrustado de rubis e diamantes. Vira as suas fotografias e lera a documentação que o pai descobrira.

Conhecia a lenda tão bem quanto qualquer homem saberia recitar de cor os contos de fadas que lhe tinham lido no berço. Uma mulher fora queimada na fogueira, condenada por bruxaria e homicídio. A sua promessa final rezava que aqueles que lucrassem com a sua morte perderiam tudo.

A desgraça e o desespero desenhariam o caminho do colar durante dois séculos. A ganância e a luxúria seduziriam os homens para o homicídio e as mulheres para a intriga.

Até poderia acreditar no mito, mas este apenas mostrava que a luxúria e a ambição causavam sofrimento e desgraça. Uma jóia sem preço não precisava de qualquer maldição para levar um homem a matar.

E disso tinha a certeza. Sabia-o demasiado bem. A maldição de Angelique tinha sido o motivo da morte de seu pai. Mas fora um homem a planeá-la, a executá-la.

Silas VanDyke. Matthew era capaz de conjurar o seu rosto, se precisasse, a voz, a compleição e mesmo o cheiro. Por mais que os anos passassem, não esqueceria nada. E sabia, como soubera quando ainda era um adolescente impotente e desfeito pela dor, que um dia encontraria o amuleto e o usaria contra VanDyke.

Como vingança.

Era estranho que com pensamentos tão obscuros e violentos a pairarem na sua mente ao adormecer pensasse em Tate.

Nadando em águas absolutamente límpidas, sem peso ou equipamento, leve e ágil como um peixe. Cada vez mais fundo, para onde o sol não pudesse penetrar mais. As algas dançavam e os corais coloridos cintilavam como jóias, escondendo peixes vibrantes nas suas bolsas.

Ainda mais profundamente, para onde as cores — os vermelhos, os laranjas e os amarelos — davam a vez ao azul muito frio. Mas não havia pressão, não era preciso equilibrar, não havia medos. Apenas uma sensação incontrolável de liberdade que se diluía em absoluto contentamento.

Era capaz de ficar assim para sempre, naquele mundo silencioso, sem nada às costas, fossem as garrafas ou as preocupações.

Ali. Ali mesmo debaixo dele, uma imagem de contos de fadas de um navio naufragado. Os mastros, o casco, as bandeiras rasgadas ondulando na corrente. Esperava inclinado no leito de areia, incredivelmente inteiro e nítido. Conseguia ver os canhões, ainda apontados a antigos inimigos. E o leme à espera que o seu capitão fantasma o conduzisse.

Deliciado, nadou até aos destroços, atravessando cardumes de peixe, passando por um polvo que alertara os seus tentáculos e nadara para longe, sob a sombra de uma raia gigante que dançava por cima.

Circulou o convés do galeão espanhol, leu o nome orgulhoso que o

baptizara de Isabella. O cesto da gávea espreitava acima dele, como uma árvore a resistir à força do vento.

E, então, viu-a. Como uma sereia, pairava à distância, sorrindo um sorriso de sirena, gesticulando com as mãos doces e graciosas. O seu cabelo era longo, não uma touca de chamas, mas longo, com cordões sedosos de fogo ondulando e dançando pelos seus ombros e peito nu. A pele era cor de pérola, branca e cristalina.

Os seus olhos eram os mesmos, verdes e divertidos.

Como se arrastado por uma maré, não conseguiu resistir a aproximar-se dela.

Os seus braços rodearam-no como correntes de cetim. Os seus lábios avançaram para os dele e eram doces como mel. Quando ela o tocou, era como se tivesse esperado toda a vida por aquele momento apenas. A sensação da sua pele sob a mão, a vibração dos músculos a cada toque. O bater do coração na sua carne.

Sentia o gosto do seu suspiro nos lábios. E então foi assolado por um calor sedoso e delicioso quando deslizou para dentro dela, sentindo as suas pernas rodearem-no e o corpo curvar-se para o receber ainda mais profundamente.

Eram movimentos surreais, de pura sensação. Nadaram, rebolando pela água num acasalamento silencioso que o deixava fraco, abismado e absolutamente feliz. Sentiu-se derramar para dentro dela.

Então, ela beijou-o, suave e profundamente, com uma intensa doçura. Quando voltou a ver-lhe o rosto, ela sorriu. Tentou tocá-la, mas ela abanou a cabeça e nadou para longe. Ele seguiu-a e os dois brincaram à volta do navio naufragado, como duas crianças.

Ela conduziu-o a uma arca, rindo-se quando retirou a tampa e revelou uma montanha de ouro. Algumas moedas caíram quando mergulhou a mão na arca. O brilho do metal era como a luz do Sol, e com ele cintilavam jóias enormes. Diamantes do tamanho do seu punho, esmeraldas maiores do que olhos, montes de safiras e rubis. A sua cor era hipnotizante perante o cinzento do mundo que os rodeava.

Passou a mão pelo conteúdo da arca e derramou um chuveiro de diamantes em forma de estrela sobre o cabelo dela, fazendo-a rir.

Então, descobriu o amuleto, a pesada corrente de ouro, o sangue e lágrimas que incrustavam o pingente. Conseguia sentir o calor irradiado pela peça como se estivesse viva. Nunca em toda a sua vida tinha visto algo tão belo e tão cativante.

Olhou para cima, para o rosto deliciado de Tate à espreita pela corrente da jóia e colocou-a ao seu pescoço. Ela riu, beijou-o e pegou no pingente.

Subitamente, uma explosão de fogo brotou da peça, produzindo uma onda violenta de calor e luz que o sacudiu para trás com um golpe. Observou com horror o fogo a crescer de intensidade e dimensão, cobrindo-a com um lençol de chamas. Tudo o que conseguia ver era o olhar dela, angustiada e aterrorizada.

Não conseguia alcançá-la. Embora lutasse e se debatesse, a água que fora calma e pacífica era agora um redemoinho de movimento e som. Um tornado de areia em funil que o cegava. Ouvia o som de um trovão que rasgou o mastro do navio, escutou o rugir marinho que explodia do leito de areia e abria pelo casco do navio como o fogo de um canhão.

No meio da explosão escutou ainda os gritos — de ambos.

E, depois, desaparecera tudo — as chamas, o mar, o navio, o amuleto. Tate. O céu desenhava-se por cima da sua cabeça, com a metade de uma Lua e os salpicos das estrelas. O mar estava calmo e preto como tinta, mal sussurrando ao embater no barco.

Ele estava sozinho no convés do *Diabo do Mar*, inundado em suor e sem fôlego.

4.

Tate tirou dezenas de fotografias ao balastro e ao canhão, enquanto ela e Matthew exploravam.

Ele fazia-lhe a vontade, posando diante da boca de um canhão já desgastado ou tirando ele próprio fotografias a Tate entre as pedras e os peixes pacientes. Juntos prenderam uma bala de canhão a uma bóia e enviaram-na à segunda equipa.

Depois de puxarem a corda, o trabalho começou.

Manobrar um aspirador submarino exige alguma agilidade, paciência e trabalho de equipa. Era uma ferramenta simples, pouco mais do que um tubo com dez centímetros de diâmetro e três metros de comprimento, com uma mangueira de ar. O ar pressurizado passava para o tubo, limpando e criando sucção que eliminasse a água, a areia e os objectos sólidos. Era tão essencial para um caçador de tesouros como um martelo o era para um carpinteiro. Se fosse usado muito rapidamente ou com demasiada força, poderia destruir o objecto que estava a limpar. Usado com demasiado descuido, o tubo ficaria facilmente entupido com conglomerado, conchas e pedaços de coral.

Enquanto Matthew trabalhava no aspirador, Tate observava o objecto e recolhia os restos que caíam do cimo do tubo. Era uma tarefa dura e aborrecida para ambas as partes. A areia e pequenos detritos pairavam na

água, obscurecendo a visão dos mergulhadores, envoltos numa corrente descendente enevoada e suja. Era preciso um olho clínico e uma paciência interminável para procurar nos detritos, carregar todos os pedaços nos baldes e içá-los para a superfície.

Matthew continuava a fazer pequenas perfurações com um ritmo estável e quase tranquilizante. As raias pairavam em torno dos detritos expelidos, aparentemente apreciando a massagem que a areia e os pequenos pedaços de pedra proporcionavam. Tate permitiu-se sonhar, imaginando um monte de ouro cintilante a explodir do interior do tubo, como um *jack-pot* numa máquina de um casino.

Fantasia à parte, juntava pregos fundidos, pedaços de conglomerado e os cacos de porcelana. Cada vestígio era tão fascinante como pepitas de ouro. Os seus estudos no último ano tinham acentuado o seu amor pela História e pelos fragmentos de cultura escondidos no mar irrequieto.

Conhecia bem as suas ambições e objectivos a longo prazo. Estudaria, obteria o seu diploma, absorvendo os conhecimentos que pudesse através dos livros, das aulas e, sobretudo, da experiência. Um dia, juntar-se-ia aos cientistas que navegavam os mares, mergulhavam nas profundezas para descobrir e analisar as relíquias dos navios condenados.

O seu nome causaria impacto e as suas descobertas de dobrões e pregos de ferro seriam relevantes. No futuro, haveria um museu com o nome Beaumont carregado de artefactos.

Volta e meia, durante o seu trabalho, dava consigo a perder-se na tarefa porque parava para admirar uma chávena partida. O que a preencheria na última vez que alguém bebera dela?

Quando se cortava numa extremidade mais aguçada, encarava o acidente filosoficamente. A pequena gota de sangue desaparecia com o redemoinho de água e detritos.

Matthew fez-lhe um sinal através da nuvem de lixo. No buraco, talvez a meio metro de profundidade, viu os pregos de ferro cruzados como espadas. Presa entre as suas pontas calcificadas estava uma travessa de estanho.

Os doze metros de água não impediram Tate de expressar a sua alegria. Tomou a mão dele, apertou-a e depois atirou-lhe um beijo. Eficientemente, retirou a máquina do cinto e documentou a descoberta. Sabia bem que os registos eram essenciais a qualquer descoberta científica. Podia ter perdido algum tempo a analisar a peça, a adorá-la sem rigor, mas Matthew estava já a dirigir-se para outra zona.

Havia muito mais. Sempre que mudavam o aspirador, descobriam mais alguma coisa. Um aglomerado de colheres cimentadas no coral, uma taça que mesmo incompleta fazia acelerar completamente o coração de Tate.

O tempo e a fadiga deixaram de existir. Um público de milhares observava os seus avanços, pequenos peixes que investigavam as áreas remediadas em busca de minhocas a descoberto. Se um conseguisse, dezenas de outros acorreriam ao local, em busca de comida, numa onda colorida de movimento. À sua distância habitual, a barracuda mantinha a sua postura de estátua, controlando com um sorriso aprovador.

Matthew trabalhava o aspirador como um artista, pensava Tate. Examinando por uns momentos, depois deslocando-se com uma delicadeza que parecia capaz de mover a areia grão a grão. Afastava as nuvens de poeira com um movimento do tubo. Se a parede de areia estivesse dividida por um objecto, ele deslocaria o tubo para trás, cuidadosamente, para não estragar nada.

Tate observou com olhos de espanto uma frágil peça de porcelana, uma taça com botões de rosa a debruarem a sua abertura. Matthew não pegaria na peça por ora, sabendo que algo tão frágil, assim preso ao coral, ou a qualquer outro objecto, poderia facilmente desfazer-se em pedaços ao mais pequeno toque.

Mas o olhar dela era tão imenso e tão maravilhado, tão cheio de encanto, que ele quis dar-lhe a taça, ver a sua expressão quando a segurasse. Chamando-a para junto dele, começou a tarefa monótona e demorada de limpar a areia. Quando ficou satisfeito, passou-lhe o tubo. Alcançando a zona por baixo da taça, onde o coral se agarrava à peça, Matthew libertou-a.

Magoou-se algumas vezes, mas quando lhe entregou a taça, os cortes e aranhões foram imediatamente esquecidos. Os olhos dela brilhavam e, depois, inesperadamente, fixaram-no. Desconcertado, Matthew voltou a pegar no tubo e apontou com o polegar para a superfície. Desapertou a válvula do aspirador, libertando uma torrente de bolhas. Juntos, nadaram no rasto dela.

Tate não falou. Não conseguia. Grata por serem atrasados pelo aspirador e o seu último balde com conglomerado, chegou à parte lateral do *Aventura*. O pai sorria à espreita.

— Têm-nos mantido ocupados. — Elevara a voz para que se fizesse ouvir acima do rugir do compressor, e encolheu-se quando Buck o desligou. — Temos dezenas de artefactos, Tate. — Ergueu um dos baldes. — Colheres, garfos, conchas, moedas de cobre, botões... — Perdeu-se quando a viu mostrar a taça. — Oh, meu Deus! Porcelana. Inteira. Marla. — A voz estava agora esganiçada. — Marla, anda cá ver o que eles encontraram.

Com reverência, Ray tirou a taça das mãos de Tate. Quando ela e Matthew já estavam a bordo, Marla estava sentada no convés, rodeada por detritos, segurando a taça no colo e com a câmara de vídeo ao lado.

— Bonita peça — comentou Buck. Apesar de casual, a sua voz traía a excitação do comentário.

— A Tate gostou. — Matthew olhou para ela. Estava de pé, ainda com o fato de mergulho vestido, com as lágrimas que os seus olhos ameaçavam a doze metros de profundidade a fluírem livremente.

— Há tanta coisa — conseguiu finalmente dizer. — Pai, nem consegues imaginar. Por baixo da areia. Todos estes anos escondido na areia. E então encontramos coisas como esta. — Esfregando os olhos com as palmas das mãos, ajoelhou-se junto da mãe, atrevido-se a tocar levemente a extremidade da taça. — Sem mácula. Sobreviveu a um furacão e a duzentos e cinquenta anos e está perfeita. — Levantou-se. Sentia os dedos adormecidos ao tentar despertar o fecho do fato. — Há também uma travessa de estanho. Está presa entre dois pregos de ferro como uma escultura. Só precisamos de fechar os olhos para a imaginar carregada de comida e pousada numa mesa. Nada do que estudei se aproxima minimamente de fazer isto, de o testemunhar.

— Acho que demos com a zona da galé — contribuiu Matthew. — Há vários utensílios de madeira, canecas de vinho e pratos partidos. — Grato, aceitou o sumo fresco que Ray lhe oferecia. — Fiz uma série de perfurações por uma área de quatro metros. Talvez queiram seguir uns graus a norte dessa zona.

— Vamos lá então. — Buck já estava a vestir-se. Casualmente, Matthew avançou para se servir de mais sumo.

— Vi um tubarão por perto — disse em voz baixa. Era bem sabido que falar de tubarões perto de Marla a deixava em pânico. — Não estava interessado em nós, mas acho que seria boa ideia levarem uns arpões para baixo.

Ray olhou para a mulher, que estava concentrada a documentar os últimos tesouros em vídeo.

— Mais vale prevenir do que remediar — concordou. — Tate — chamou —, podes recarregar a câmara por mim?

Vinte minutos depois, o compressor estava a funcionar novamente. Tate trabalhava na mesa de abas na casa das máquinas com a mãe, catalogando cada objecto que tinham trazido dos destroços.

— É o *Santa Marguerite*. — Tate acariciou uma colher antes de a pousar no seu respectivo lugar. — Encontrámos o nome do navio gravado num dos canhões. Descobrimos o nosso galeão espanhol, mamã.

— O sonho do teu pai.

— E teu?

— E meu — concordou Marla com um sorriso lento. — Estava habituada a fazer apenas a viagem. Era um passatempo tão engraçado e inte-

ressante, pensava eu. Dava-nos umas férias cheias de aventuras e era certamente uma bela mudança dos nossos trabalhos mundanos.

Tate olhou para cima, com o sobrolho levemente franzido.

— Não sabia que consideravas o teu emprego mundano.

— Oh, ser uma secretária num escritório de advogados é bom, excepto quando nos começamos a perguntar porque não tivemos a coragem de nos tornarmos advogados. — Encolheu os ombros. — No meu tempo, Tate, minha querida, uma mulher não se movimentava num mundo de homens senão para os seguir de perto. A tua avó era uma mulher à moda antiga. Esperava que eu tivesse um emprego aceitável até encontrar um marido aceitável. — Riu-se e pousou uma caneca de estanho sem asa. — Apenas tive sorte com a parte do marido. Muita sorte mesmo.

Era mais uma descoberta para Tate.

— Querias ser advogada?

— Nunca me ocorreu — admitiu Marla. — Até chegar aos quarenta. Uma idade muito perigosa para uma mulher. Não posso dizer que tenha pensado nisso quando o teu pai decidiu reformar-se. Eu fiz o mesmo e pensei que estava muito contente por navegar com ele e brincar aos tesouros. Mas agora que vejo estas peças. — Marla pegou numa moeda de prata. — Faz-me pensar que estamos a fazer algo importante. Valioso, de certa forma. Nunca pensei que pudesse deixar novamente a minha marca.

— Novamente.

Marla olhou para a filha com um sorriso.

— Deixei a minha marca quando te tive. Isto é maravilhoso e excitante, mas serás sempre o meu tesouro e o do teu pai.

— Vocês sempre me fizeram sentir que sou capaz de tudo. De ser o que quiser.

— E podes. — Marla olhou para a frente. — Matthew, junte-se a nós.

— Não quero interromper.

Sentia-se fora das suas águas e meio trapalhão naquele ambiente de união familiar.

— Não seja tolo. — Marla estava já de pé. — Aposto que quer café. Tenho café fresco na cozinha. A Tate e eu estamos a organizar o nosso tesouro.

Matthew observou os artefactos espalhados em cima da mesa.

— Acho que vamos precisar de mais espaço.

Marla ria-se quando regressava com o café.

— Oh, gosto de um homem optimista.

— Realista — corrigiu Tate, batendo com a mão no assento, em forma de convite. — O meu parceiro de mergulho é tudo menos optimista.

Sem saber muito bem se deveria sentir-se divertido ou insultado, Matthew sentou-se ao lado dela e provou o café.

— Não diria tanto.

— Pois eu sim. — Tate serviu-se da taça de aperitivos que a mãe colocara na mesa. — O Buck é o sonhador. Tu gostas da vida, do sol, do mar e da areia. — Mordiscando o aperitivo, recostou-se. — Sem grandes responsabilidades ou laços. Não estás à espera de encontrar uma arca encrostada carregada de dobrões de ouro, mas safas-te com uma ou outra bugiganga que possas encontrar. O suficiente para camarão e cerveja.

— Tate. — Marla abanava a cabeça, disfarçando uma gargalhada. — Não sejas indelicada.

— Não, ela acertou no alvo. — Matthew trincou um aperitivo. — Deixe-a terminar.

— Não tens medo do trabalho duro porque tens sempre muito tempo para ficares deitado numa rede, a dormir. E há a excitação do mergulho, da descoberta e o valor monetário e não intrínseco de qualquer pequeno objecto que encontres. — Passou-lhe uma colher de prata. — És um realista, Matthew. Por isso, quando dizes que precisas de mais espaço, eu acredito.

— Muito bem. — Percebeu que, fosse qual fosse o ponto de vista, estava a ser insultado. Atirou a colher para o monte. — Acho que podemos usar o *Diabo do Mar* para armazenamento. — Quando a viu erguer o queixo e empinar o nariz, sorriu para ela. — O Buck e eu podemos dormir aqui no convés. Podemos usar o *Aventura* como base. Mergulhamos a partir daqui, limpamos o conglomerado e os artefactos aqui e depois transportamo-los para o *Diabo do Mar*.

— Parece-me muito sensato — concordou Marla. — Afinal de contas, temos dois barcos e podemos tentar dar-lhes o maior uso possível.

— Muito bem. Se o pai e o Buck estiverem de acordo, eu também estou. Entretanto, Matthew, ajudas-me a trazer mais coisas do convés?

— Claro. Obrigado pelo café, Marla.

— Oh, não tem de quê, querido.

— Mais logo vou ter de ir a Saint Kitts — disse Tate quando começaram a caminhar. — Queres vir comigo?

— Talvez.

Sentiu o tom nervoso na voz dele e esboçou um sorriso.

— Matthew. — Precisou de o tocar para que parasse de andar. — Sabes porque acho que trabalhamos bem juntos lá em baixo?

— Não. — Voltou-se. A pele dela era de um tom alabastro irreal, apesar das várias semanas no mar. Consequia sentir o aroma do creme protec-

tor e o perfume que era uma mistura de sal e ar do mar e que se prendia ao cabelo dela. — Mas sei que me vais dizer.

— Acho que é por seres realista e eu idealista. És ousado e eu cautelosa. Traços contraditórios que nos caracterizam e que nos opõem. De alguma forma conseguimos formar um equilíbrio.

— Gostas mesmo de analisar as coisas, não gostas, Ruiva?

— Suponho que sim. — Esperando que ele não soubesse quanta coragem era necessária para ela se aproximar, acrescentou: — Estive a pensar no motivo porque ficaste tão zangado depois de me beijares.

— Não fiquei zangado — corrigiu monocordicamente. — E tu é que me beijaste.

— Fui eu que comecei. — Determinada a terminar, manteve o seu olhar fixo no dele. — Transformaste-o e ficaste zangado porque foste apanhado de surpresa. O que sentiste surpreendeu-te. Também me surpreendeu. — Erguendo as mãos, espalhou-as no peito dele. — Pergunto-me se ficaríamos surpresos agora.

Ele queria, mais do que tudo no mundo, baixar-se e mergulhar naquela boca fresca e ansiosa. A fome de a provar assolava-o em ondas rápidas e agudas, tornando os seus movimentos agrestes quando lhe prendeu os pulsos.

— Estás a penetrar em águas profundas, Tate.

— Mas não estou sozinha. — Percebeu que já não sentia medo. Ora, nem sequer se sentia nervosa. — Eu sei o que estou a fazer.

— Não, não sabes. — Ele empurrou-a, deixando-a à distância dos seus braços, mal percebendo que ainda lhe segurava os pulsos. — Achas que as coisas não têm consequências, mas têm. Se não tiveres cuidado, vais ter de as enfrentar.

Tate sentiu um arrepio percorrer-lhe deliciosamente a espinha.

— Não tenho medo de estar contigo. Quero estar contigo.

Matthew sentiu os músculos do estômago retesarem-se.

— É fácil dizê-lo com a tua mãe lá dentro na cozinha. E, por outro lado, talvez sejas mais esperta do que pareces.

Furioso, empurrou-lhe as mãos e afastou-se.

A implicação fê-la corar. Tinha estado a provocá-lo, percebia-o agora. A perturbá-lo. Para ver se conseguia, para saber se ele sentia metade da atracção que ela sentia por ele. Envergonhada, arrependida, correu atrás dele.

— Matthew, desculpa. A sério, eu...

Mas ele tinha já mergulhado e nadava em direcção ao *Diabo do Mar*. Tate deixou escapar um suspiro de exasperação. Bolas, o mínimo que ele podia ter feito era ouvir o seu pedido de desculpa. Decidiu mergulhar também.

Quando consegui subir ao convés, ele estava a abrir uma lata de cerveja.

— Vai para casa, menina, antes que te atire borda fora.

— Já disse que lamentava. — Afastou o cabelo molhado dos olhos. — A minha atitude foi injusta e estúpida e peço desculpa por isso.

— Está bem. — O mergulho repentino e a cerveja fria não estavam a ajudar a acalmar a ânsia. Na esperança de a ignorar, atirou-se para a rede. — Vai para casa.

— Não quero que fiques zangado. — Determinada a compensá-lo de alguma forma, avançou para a rede. — Estava só... Estava só a testar-te.

Matthew pousou a cerveja no convés.

— A testar-me — repetiu, e depois esticou-se sem lhe dar tempo para protestar. Içou-a para a rede, para cima dele. O baloiçar foi violento e ela agarrava-se com toda a força às partes laterais para não cair. Arregalou os olhos subitamente quando sentiu as mãos dele palpavam-lhe intimamente o rabo.

Deu-lhe uma sapatada rápida e não propriamente carinhosa e depois empurrou-a. Ela aterrou de rabo no lado que ele acabara de explorar.

— Diria que agora estamos quites — disse ele, voltando a pegar na cerveja.

O primeiro impulso de Tate foi atacá-lo. Foi apenas a absoluta certeza de que o resultado seria a absoluta humilhação ou desastre que a impediu de o fazer. Além da nítida sensação de que merecera o que recebera.

— Muito bem. — Com calma e dignidade, levantou-se. — Estamos quites.

Ele esperara que ela o insultasse. Ou pelo menos que resmungasse. O facto de se manter ao lado dele, calma e digna, despertou uma sensação de admiração nos seus olhos.

— És porreira, Ruiva.

— Amigos novamente? — perguntou, oferecendo-lhe a mão.

— Enfim, amigos.

Crise contornada, pensou ela. *Pelo menos, temporariamente.*

— Então, queres fazer uma pausa? Fazer um pouco de *snorkeling*?

— Talvez. Há máscaras e tubos de respiração na casa das máquinas.

— Eu vou buscar. — Minutos depois, Tate regressava com um bloco de desenho. — O que é isto?

— Uma gravata de seda. Que te parece?

Ignorando o tom sarcástico da resposta dele, sentou-se na rede.

— Foste tu que fizeste este desenho do *Santa Marguerite*?

— Sim.

— Está bastante bom.

— Sou um autêntico Picasso.

— Eu disse “bastante” bom. Seria um sonho vê-lo assim. Estes números são medidas?

Matthew suspirou novamente, pensando em amadores.

— Se queres calcular a área que alberga os destroços, tens de fazer umas contas. Hoje descobrimos a cozinha. — Balançou as pernas de forma a ficar sentado ao lado dela. — Cabines dos tripulantes, dos passageiros — explicava, assinalando com um dedo os vários pontos do desenho. — Porão de carga. A melhor forma de compreender é imaginar uma vista pelo olhar de uma gaivota. — Para ilustrar a sua explicação, voltou uma página e começou a esboçar uma grelha. — Aqui encontrámos o fundo do mar. Aqui descobrimos o balastro.

— Então o canhão está aqui.

— Correcto. — Com traços rápidos, desenhou o canhão no local. — Então, fizemos buracos daqui a aqui. E precisamos de subir ao centro do navio para procurarmos o filão principal.

O ombro dela embateu no dele quando se aproximou para analisar com mais cuidado o desenho.

— Mas queremos explorar o navio todo, certo?

Ele ergueu o olhar brevemente e retomou o desenho.

— Isso pode demorar meses ou anos.

— Sim, de facto, mas o navio é tão importante como as riquezas que esconde. Temos de resgatá-lo e preservá-lo.

Para Matthew, o navio era simplesmente madeira sem qualquer valor. Mas apetecia-lhe fazer-lhe a vontade.

— Não tarda muito, estaremos em plena época de furacões. Podemos ter sorte, mas devemos concentrar-nos em descobrir o tesouro. Depois, podes dar-te ao luxo de procurar o que quiseres, durante o tempo que desejares.

Por ele, bastava-lhe retirar a sua parte e partir. Com os bolsos carregados de ouro, poderia despende tempo a construir o seu barco e a terminar a investigação do pai sobre o *Isabella*.

Para encontrar a Maldição de Angélique e VanDyke.

— Suponho que faça algum sentido. — Ela olhou para cima, assustada pelo olhar frio e distante de Matthew. — Em que pensas? — Era uma tolice, claro, mas parecia-lhe um olhar de assassino.

Ele recuperou a postura. Aqui e agora, pensou, era o que importava.

— Nada. É claro que faz todo o sentido — continuou. — Não tarda nada, vai-se saber que descobrimos um novo navio. E vamos ter companhia.

— Repórteres?

Ele riu-se.

— Esses são o menor dos nossos problemas. Caçadores furtivos.

— Mas temos direitos legais — começou a argumentar Tate, mas interrompeu-se quando viu que Matthew se ria dela.

— Ser legal não significa nada, Ruiva, especialmente quando tens de lidar com a sorte dos Lassiters. Teremos de passar a fazer turnos para dormir e não apenas para trabalhar — continuou. — Se começarmos a trazer o ouro, Ruiva, os caçadores sentir-lhe-ão o cheiro, da Austrália ao Mar Vermelho. Acredita.

— Acredito. — E porque acreditava, saltou para o chão e pegou no equipamento de mergulho. — Vamos ver o meu pai e o Buck. Depois, quero mandar revelar as fotografias.

Quando Tate ficou finalmente pronta para ir à cidade, tinha já uma lista de outros recados, para além da revelação das fotografias.

— Eu sabia que a minha mãe me ia dar uma lista de compras.

Matthew saltou para o insuflável do *Aventura* com ela e ligou o motor.

— Não há problema.

Tate ajustou os óculos de sol.

— Porque não viste a lista. Olha! — Apontou para um grupo de golfinhos que saltava ao pôr-do-sol. — Cheguei a nadar com um. Estávamos no Mar de Coral e um cardume deles seguia o barco. Tinha doze anos. — Sorriu e observou-os a saltarem na linha do horizonte. — Foi incrível. Têm um olhar tão meigo.

Tate levantou-se quando Matthew aliviou a velocidade. Calculou a distância até ao cais, posicionou-se e segurou a corda.

Quando o barco ficou preso, começaram a caminhar pela praia.

— Matthew, se conseguirmos encontrar o filão principal e ficares rico, o que vais fazer?

— Vou gastá-lo e divertir-me.

— Em quê? Como?

— Em coisas. — Encolheu os ombros, mas sabia que respostas vagas não a calariam. — Um barco. Vou construir o meu próprio barco, assim que tiver meios e tempo. Talvez compre uma casa numa ilha como esta.

Atravessaram o areal passando pelos hóspedes do hotel ali perto, que se bronzeavam descontraidamente ao sol do fim da tarde. O pessoal do hotel passeava-se de camisas floridas e calções brancos, transportando tabuleiros de bebidas tropicais.

— Nunca fui rico — disse ele, quase só para os seus botões. — Mas não deve ser muito difícil habituarmo-nos a vivermos assim. Hotéis chiques, roupas chiques, poder pagar para não fazer nada.

— Mas continuarias a mergulhar?

— Claro.

— Eu também. — Inconscientemente, ela pegou na mão dele enquanto caminhavam pelos jardins aromáticos do hotel. — No Mar Vermelho, na Grande Barreira de Coral, no Atlântico Norte, no Mar do Japão. Há tantos sítios para explorar. Quando terminar a faculdade, vou visitá-los todos.

— Estás a licenciar-te em arqueologia marinha, certo?

— Exacto.

Ele olhou-a rapidamente. O cabelo dela estava num desalinho provocado naturalmente pelo sal e pelo vento. Vestia umas calças largas de algodão, uma T-shirt barata e simples, com uns óculos escuros de armação preta.

— Não pareces muito uma cientista.

— A ciência exige inteligência e imaginação, não beleza ou estilo.

— Ainda bem que o estilo não é requisito.

Sem se sentir ofendida, encolheu os ombros. Apesar dos ocasionais momentos de desespero da mãe, Tate nunca dera grande importância às roupas.

— Que diferença faz, se temos um bom fato de mergulho? Não preciso de um guarda-roupa para explorar e é a isso que tenciono dedicar a minha vida. Imagina seres pago para caçares tesouros, para examinares e estudares artefactos. — Ela abanou a cabeça, feliz com o pensamento. — Há tanto para aprender.

— Nunca dei grande importância à escola. — E como sempre mudara muito de casa, não tinha tido grandes alternativas. — Aprecio mais a formação pela prática.

— Já deu para perceber isso.

Apanharam um táxi para o local onde Tate podia deixar o rolo a revelar. Ficou feliz por perceber que Matthew não se incomodava muito em acompanhá-la às lojas, para se perder a ver bugigangas. Suspirou um pouco quando viu um medalhão pequeno em ouro, com uma pequena pérola pendendo da base. As roupas serviam para a proteger das intempéries, mas um ou outro acessório era uma fraqueza boa e inofensiva.

— Não sabia que gostavas deste tipo de coisas — comentou ele, inclinando-se sobre o balcão, ao lado dela. — Não precisas de usar essas coisas.

— Quando tinha dezasseis anos, a minha mãe e o meu pai deram-me um anel com um rubi pequeno, no Natal. Perdi-o num mergulho. Fiquei mesmo triste, por isso, deixei de usar jóias quando mergulho. — Afastou o olhar do medalhão delicado encaixado na corrente prateada. — Talvez pegue na moeda que o Buck me deu e a use como amuleto.

— Funciona comigo. Queres ir tomar uma bebida ou qualquer coisa? Tate levou a ponta da língua ao lábio superior.

— Gelado.

— Gelado. — Pensou por alguns momentos. — Vamos lá.

Cada um comendo o seu cone, passearam pelas ruas e exploraram as mais estreitas. Ele deleitava-a colhendo um hibisco branco de um arbusto que depois lhe colocava atrás da orelha. Quando pararam para comprar as coisas que Marla tinha pedido, ele tinha-a feito rir com a história de Buck e o fantasma do Barba Negra.

— Estávamos perto de Ocracoke, no dia de aniversário do Buck. Fazia cinquenta anos. A ideia de estar a celebrar meio século tinha-o deixado de tal forma deprimido que emborcara meia garrafa de uísque. Eu ajudei-o com a outra metade.

— Aposto que sim.

Tate escolheu um cacho de bananas maduras e colocou-o no cesto.

— Ele estava a queixar-se de tudo o que poderia ter feito na vida e não tinha conseguido, sabes como é. Podíamos ter descoberto aquele navio se tivéssemos procurado por mais um mês. Se tivéssemos chegado primeiro, podíamos ter conseguido encontrar o filão. Se o tempo tivesse sido bom durante mais tempo, podíamos ter tido sorte. Entre o uísque e o paleio de dar sono, acabei por adormecer no convés. Esse melão não está maduro. Leva este.

Matthew trocou a fruta e escolheu as uvas.

— Continuando, quando dei por mim, os motores estavam ao rubro e o barco navegava em direcção a sudeste, a uns bons doze nós. O Buck estava ao leme, gritando sobre piratas. Borrei-me de medo. Levantei-me num salto, tropecei e dei com a cabeça na balaustrada com tanta força que vi estrelas. Quase caía borda fora, quando ele resolveu virar a estibordo. Começa a gritar por mim e eu a insultá-lo, tentando manter-me de pé, com ele sempre a virar o barco. Tinha os olhos esbugalhados e muito brancos. Sabes que ele não vê um metro diante do nariz sem os óculos. Mas começou a apontar para o mar e a entoar um cântico pirata. “C’os diabos, até me caíram as calças.”

A gargalhada de Tate fez com que todos voltassem a cabeça.

— Ele não disse “até me caíram as calças”.

— Então não disse? Quase nos fez virar a dançar e a cantar “yo, ho, ho”.

A memória do acontecimento fez Matthew esboçar um sorriso.

— Quase precisei de lhe dar um encontrão e tirá-lo do leme. “O fantasma, Matthew. O fantasma do Barba Negra. Não o vês?” Eu disse-lhe que ele é que ia ficar sem ver nada depois de lhe arrancar os olhos. E ele a insistir que ele estava a li, a dez graus, na direcção da proa. E eu sem ver nada senão um pouco de névoa. Mas para o Buck era a cabeça cortada do Barba Negra, com fumo a sair pela barba. O Buck disse que era um sinal e que se mergulhássemos no dia seguinte, encontrávamos o tesouro do Barba Negra, que toda a gente pensava que estaria enterrado em terra.

Tate pagou as compras e Matthew carregou os sacos.

— E tu mergulhaste no dia seguinte — comentou ela — porque ele to pediu.

— E porque, se não o fizesse, nunca mais se calava. Não encontramos nada mas ele lá aceitou o facto de ter cinquenta anos.

Quando chegaram ao barco, era quase noite. Matthew arrumou as compras e voltou-se para encontrar Tate com as calças enroladas, a mergulhar os pés nas ondas.

A luz iluminava-lhe o cabelo e a pele. Subitamente, recordou-se com mágoa do seu sonho e da imagem dela na água. Do sabor dela.

— Isto é tão bonito — murmurou. — Não há nada igual. Como pode haver alguma coisa de errado no mundo quando encontramos sítios como este? Quando há dias como o de hoje?

Ela sabia que ele nem desconfiava que aquele fora o dia mais romântico da sua vida. Gestos simples como colher uma flor para o seu cabelo ou dar-lhe a mão durante o passeio pela praia.

— Talvez devêssemos ficar aqui... para sempre. — Com o riso a insinuar-se na voz, ela voltou-se. — Podíamos ficar e...

Perdeu-se no que ia a dizer, silenciando-se ao ver o olhar dele. Os seus olhos estavam tão obscuros e intensos, tão subitamente concentrados nela. Apenas nela.

Ela não pensou, não hesitou, mas avançou na direcção dele. Deslizou-lhe as mãos pelo peito e uniu-as atrás do pescoço dele. O olhar dele mantinha-se fixo no dela, enquanto dezenas de pulsações frenéticas lhe percorriam o corpo. Então, puxou-a para si e incendiou-lhe o sangue.

É certo que já tinha sido beijada. Mas conhecia a diferença entre um homem e um rapaz. E era um homem que a abraçava, que a sorvia. Era um homem que ela queria. Ansiosa e faminta, pressionou o corpo contra o dele, beijando-lhe o rosto com frenéticos beijos, até finalmente reencontrar os seus lábios, derrotados num soluço de prazer.

Ela estava tão fluida, tão disposta, tão ávida para aceitar qualquer exigência. Fluía como água sob cada toque seu e a boca dela colava-se gananciosamente à dele. Cada “hum” e cada gemido de desejo produzido pela sua garganta dilacerava-lhe a alma, como uma lâmina de fogo que abria caminho a novos desejos.

— Tate. — A voz dele era rouca, quase desesperada. — Não podemos fazer isto.

— Podemos, sim. Estamos a fazê-lo. — Meu Deus, ela não conseguia respirar. — Beija-me novamente. Depressa.

A boca dele mergulhou na dela. O sabor daqueles lábios parecia explodir dentro dele. Tudo naquele gesto era doloroso, quase agonizante, como o calor sabe ser depois do frio.

— Isto é uma loucura — murmurou ele sem se afastar da boca dela.
— Estou a perder a cabeça.

— Eu também. Oh, como te quero, Matthew. Desejo-te.

E aquelas palavras atingiram-no violentamente. Ele afastou-se, segurou-lhe os ombros com as mãos trementes.

— Escuta, Tate... Por que raio sorris tu?

— Tu também me queres. — Ela ergueu a mão e pousou-a levemente no rosto, quase derrotando-o. — Por momentos, pensei que não me querias. E doía porque te quero tanto. A princípio, nem sequer gostava de ti, mas queria-te na mesma.

— Jesus. — Para recuperar o autocontrolo, deixou-se encostar a ela.
— Pensava que tinhas dito que eras a cautelosa desta parceria.

— Não no que toca a ti. — Cheia de amor e confiança, aninhou-se nele. Coração com coração. — Nunca no que toca a ti. Quando me beijaste pela primeira vez, eu soube que era por ti que esperava.

Ele não tinha bússola, não tinha orientação, mas sabia que era fulcral reverter o rumo dos acontecimentos.

— Tate, temos de ir com calma. Não estás pronta para aquilo em que penso. Acredita em mim.

— Tu queres fazer amor comigo. — Matthew ergueu o queixo. O olhar dela era subitamente o de uma mulher e igualmente misterioso. — Não sou uma criança, Matthew.

— Então, quem não está preparado sou eu. E não quero fazer nada que fira os teus pais. Eles têm sido impecáveis comigo e com o Buck.

Orgulho, pensou ela. Orgulho, lealdade e integridade. Não era de espantar que o amasse. Os seus lábios desenharam um sorriso.

— Muito bem. Vamos com calma. Mas isto fica entre nós, Matthew. O que decidirmos e o que quisermos. — Inclinou-se para ele e tocou-lhe os lábios com os seus. — Eu posso esperar.

5.

Os dois dias que se seguiram foram varridos por uma onda de tempestades, tornando os mergulhos impossíveis. Quando a primeira vaga de impaciência passou, Tate instalou-se no convés coberto do *Aventura* para limpar e catalogar as peças do *Santa Marguerite* que o pai e Buck tinham trazido no seu último mergulho.

As gotas de chuva tamborilavam no toldo que cobria a superfície. As ilhas tinham-se perdido na névoa, divisando-se apenas os mares inquietos e os céus furiosos. O mundo deles desfizera-se em água e nos dois.

Na casa de navegação, desenrolava-se uma autêntica maratona de póquer. Vozes, uma gargalhada, um impropério, tudo flutuava na direcção de Tate, sobrepondo-se ao ritmo monótono da chuva. Tate limpava as marcas de corrosão numa cruz de prata de trabalho imperfeito e sabia que nunca se tinha sentido tão feliz na sua vida.

Transportando uma caneca de café em cada mão, Matthew agachou-se sob o coberto.

— Queres ajuda?

— Sim, claro. — Bastava olhar para ele para sentir o coração bater-lhe na garganta. — O jogo de póquer está a terminar?

— Não, mas a minha sorte sim. — Ele sentou-se ao lado dela, oferecendo-lhe uma caneca. — O Buck deu cabo do meu *full house* com um *straight flush*.

— Nunca sei muito bem o que derrota o quê. Sou melhor no *gin*. — Tate ergueu a cruz. — Talvez o cozinheiro do navio usasse isto, Matthew. Embateria contra o seu peito enquanto batia a massa dos biscoitos.

— Sim. — Pegou na peça de prata. Era feia, mais provavelmente feita por um ferreiro do que por um joalheiro. E não tinha peso nenhum. Matthew deu-lhe pouco valor. — Que mais tens aí?

— Estes ganchos de encordoamento. Olha, ainda têm vestígios de corda. Imagina. — Passou-lhe o pedaço escuro de metal quase em reverência. — Como devem ter lutado para manter o navio à tona. O vento devia estar furioso e as velas rasgadas. — Tate olhou para o vazio além da névoa e viu o que podia ter acontecido. — Os homens agarrados às cordas e aos mastros, enquanto o navio cedia. Os passageiros aterrorizados. As mães abraçadas aos filhos, à medida que o navio subia e descia nas vagas. E nós estamos a encontrar o que restou deles. — Pousou o objecto e ergueu um cachimbo de barro com as duas mãos. — Um marinheiro que traria isto no seu bolso estaria de pé no convés, depois do seu turno de vigia, a acendê-lo e a apreciar umas tranquilas baforadas. E esta caneca estaria cheia de cerveja.

— Só é pena que lhe falte a pega. — Pegou na caneca e virou-a ao contrário. Não queria admitir que a visão dos factos de Tate o tinha como-vido. — Tira-lhe valor.

— Não podes pensar apenas no dinheiro.

Ele sorriu.

— É claro que posso, Ruiva. Tu dás conta do drama e eu da massa.

— Mas... — Ele interrompeu a sua objecção com um beijo rápido e traiçoeiro.

— Ficas tão gira quando estás indignada.

— A sério? — Ela era suficientemente jovem e estava suficientemente apaixonada para se sentir lisonjeada. Pegou na caneca de café e bebericou um pouco, observando-o pela estrutura do toldo. — Não quero acreditar que sejas tão mercenário como dizes.

— Pois acredita. A História é muito bonita quando consegues extrair alguma coisa dela. De outra forma, é só um monte de gente morta. — Olhou para cima, mal notando a expressão triste de Tate. — A chuva está a abrandar. Amanhã, mergulhamos.

— Estás inquieto?

— Um pouco. O problema é estar aqui parado e ter a tua mãe a pôr-me um prato de comida à frente a cada momento. Posso ficar mal habituado. — Levantou a mão e passou-a no cabelo dela. — É um mundo diferente. Tu és um mundo diferente.

— Não tão diferente assim, Matthew — murmurou e ofereceu-lhe os lábios. — Talvez apenas um pouco diferente.

Os dedos dele ficaram tensos, descontraindo-se lentamente. Ocorria-lhe que ela ainda não conhecia nada do mundo, do mundo dele, para entender a diferença. Se ele fosse um homem bom, bondoso, sabia que não estaria a tocá-la naquele momento, seduzindo os dois para um passo que só poderia ser um erro.

— Tate... — Estava no limite de decidir se haveria de afastá-la ou aproximá-la, quando Buck espreitou debaixo do toldo.

— Ei, Matthew, tu... — Buck ficou boquiaberto quando os viu separarem-se. O seu rosto por barbear corou instantaneamente. — Ah, desculpa... Ah, Matthew... — Enquanto Buck tentava recordar-se do que ia a dizer, Tate pegou calmamente na caneta e catalogou o cachimbo de barro.

— Olá, Buck. — Tate ofereceu-lhe um sorriso feliz e fácil, enquanto os dois homens trocavam olhares inquietos. — Ouvi dizer que estava numa maré de sorte na mesa de póquer.

— Sim. Sim... Pois, eu... ah... — Enfiou as mãos nos bolsos e mexeu os pés. — A chuva está a acalmar — anunciou. — O Matthew e eu vamos pegar nestas coisas e arrumá-las no *Diabo do Mar*.

— Estou mesmo a terminar a catalogação. — Meticulosamente, Tate tapou a caneta. — Eu dou-vos uma ajuda.

— Não, nós tratamos disto. — Buck tirou a mão do bolso, erguendo-a apenas o suficiente para ajustar os óculos no nariz. — O Matthew e eu temos de ver umas coisas no motor. Além disso, a tua mãe disse que hoje tratarias tu da cozinha.

— É verdade — disse Tate, com um suspiro. — Acho melhor come-

çar. — Descruzou as pernas e levantou-se, depois encaixando o bloco de notas debaixo do braço. — Vemo-nos ao jantar.

Os homens disseram muito pouco enquanto arrumavam as descobertas e as colocavam no pequeno barco. A sugestão de Matthew de alugarem um quarto ou uma garagem para armazenamento teve apenas um resmungo e um encolher de ombros como reacção. Buck esperou até estarem muito próximo do *Diabo do Mar* para explodir.

— Perdeste a cabeça, rapaz?

Matthew ajustou a direcção do leme ligeiramente.

— Não preciso que me dêes cabo da cabeça, Buck.

— Se tiver que te dar cabo da cabeça para te meter algum juízo nela, é o que vou fazer.

Levantou-se calmamente quando Matthew desligou o motor.

— Não sabes que não te deves meter com aquela menina?

— Não andei a meter-me com ela — resmungou Matthew entre dentes. Apertou bem a corda de atracação. — Pelo menos, não da forma que pensas.

— Ainda bem. — Agilmente, Buck levou a primeira lona ao ombro e encaixou o pé na escada. — Não tens nada que te meter com a Tate, rapaz. Ela não é um brinquedo.

— Eu sei o que ela é. — Matthew içou a segunda lona. — E sei o que não é.

— Então, pensa bem nisso. — Buck transportou a lona para a casa do leme, desenrolando-a cuidadosamente no balcão. — Os Beaumonts são boa gente, Matthew.

— E eu não sou.

Surpreso com o tom amargo do sobrinho, Buck olhou para cima e viu Matthew pousar a sua lona.

— Nunca disse que não eras bom rapaz, Matthew. Mas não somos como eles. Nunca fomos. Talvez te pareça bem andares com ela por aí antes de nos mudarmos para outras águas, mas uma rapariga daquelas espera um determinado tipo de coisas. — Tirou um cigarro, acendeu-o e fitou o sobrinho pelo fumo da baforada. — Vais dizer-me que tencionas dar-lhe tudo o que ela quiser.

Matthew serviu-se de uma cerveja e engoliu-a de um trago, esperando empurrar a raiva que lhe constringia a garganta.

— Não, não te vou dizer nada disso. Mas também não a vou magoar.

Não era essa a sua ideia, pensou Buck.

— Muda de rota, rapaz. Há muitas raparigas por aí se andas com vontade. — Viu o olhar de fúria em Matthew e retribuiu-o. — Estou a dizer-te isto porque alguém tem de o fazer. Se um homem se atracar à mulher errada, pode ser o fim dos dois.

Fazendo um esforço enorme para se manter calmo, Matthew pousou a garrafa de cerveja quase vazia a seu lado.

— Como a minha mãe e o meu pai.

— É bem verdade — comentou Buck, mas a voz era agora mais suave. — Os dois faziam faísca, sem dúvida. Meteram-se um com o outro sem pensarem duas vezes. E ficaram os dois desfeitos.

— Não me parece que ela tenha sofrido assim tanto — replicou Matthew. — Foi ela que o deixou não foi? E a mim. Nunca mais voltou. Nunca olhou para trás, ao que parece.

— Não foi feita para esta vida. Se queres saber, a maior parte das mulheres não o é. Não adianta de nada censurá-las por isso.

Mas Matthew podia.

— Não sou o meu pai. A Tate não é a minha mãe. Isso é que importa.

— Eu digo-te o que importa. — O olhar de Buck estava tenso de preocupação quando esmagou o cigarro. — Aquela menina está a divertir-se e a viver momentos de emoção para alguns meses. És um rapaz bonito, por isso, é natural que faças parte desse divertimento e emoção. Mas, quando terminar, ela vai voltar para a faculdade, arranjar um emprego e um marido chiques. E vais ficar a ver navios. Se te esqueceres disso e tirares proveito do brilho dos olhos dela, os dois vão arrepender-se.

— Não te passa pela cabeça que eu até possa ser suficientemente bom para ela.

— És suficientemente bom para qualquer pessoa — corrigiu Buck. — Melhor que muitos que andam por aí. Mas ser a pessoa certa para outra pessoa, isso é completamente diferente.

— Falou a voz da experiência.

— Posso não saber muito sobre as mulheres. Mas conheço-te bem. — Esperando conseguir acalmar as águas, pousou a mão no ombro rígido de Matthew. — Temos aqui uma oportunidade de que as coisas nos corram bem, Matthew. Homens como nós passam a vida à procura e poucos encontram o que quer que seja. Nós conseguimos. E só precisamos de pegar. Podes fazer qualquer coisa da tua vida com a tua parte. E quando o fizeres, terás muito tempo para mulheres.

— Claro. — Matthew pegou na cerveja e continuou a beber. — Não há problema.

— Pronto. — Aliviado, Buck deu-lhe uma sapatada no ombro. — Vamos lá ver o motor.

— Eu fico aqui.

Sozinho, Matthew fitou a garrafa que tinha na mão até afastar o intenso desejo de a atirar e desfazer em pedaços. Não havia nada que Buck lhe dissesse que não lhe tivesse ocorrido já. E com muito menos tacto.

Ele era um caçador de tesouros de terceira geração com um legado de má sorte que lhe dera uma vida de cão. Sobrevivera à custa da sua inteligência e de um ou outro golpe de sorte. Não tinha laços senão com o tio, nenhum bem que não coubesse numa pequena mochila às costas.

Era um homem errante, nada mais, nada menos. Fazer fortuna a doze metros de profundidade podia tornar a sua errância mais confortável, mas não deixaria de a viver.

Buck tinha razão. Matthew Lassiter, sem morada conhecida e menos de quatrocentos dólares escondidos numa caixa de charutos, não tinha o direito de se envolver com Tate Beaumont.

Mas Tate não pensava assim. Foi frustrante descobrir que, nas semanas que se seguiram, apenas conseguiria estar sozinha com Matthew debaixo de água. Onde a comunicação e o contacto físico eram limitados.

Prometera a si mesma que mudaria isso quando pesquisava os detritos do aspirador. E mudaria de imediato. Afinal de contas, era o seu vigésimo aniversário.

Com cuidado, remexeu os pregos, os espetos, as conchas, de olhos arregalados perante cada descoberta que ia fazendo. Peças várias do navio, um sextante, uma pequena caixa de latão com dobradiças, uma moeda de prata presa num pedaço de coral. Um crucifixo de madeira, um octante e uma chávena de porcelana lindíssima, delicadamente partida em duas partes.

Tate reuniu todas estas peças, ignorando os respingos de detritos que embatiam nas costas e os ocasionais cortes nas mãos.

De repente, um relampejo de ouro chamou a sua atenção. O coração de Tate disparou-lhe no peito à medida que observava a nuvem de detritos em busca daquele brilho inacreditável. O pequeno e rápido brilho fê-la inclinar-se para a frente, mergulhando em direcção à areia e provocando um turbilhão de detritos.

A sua mente clamava por tesouros, dobrões, jóias de grande valor e História. Mas quando apertou na mão a peça de ouro, o seu olhar perdeu-se.

Não era uma moeda ou uma jóia enterrada há muito pelas ondas. Não se tratava de um artefacto valioso, mas não tinha preço, de facto. Tate pegou no medalhão de ouro com uma pérola a pender da sua base. Quando Tate se voltou para trás, viu que Matthew afastava o tubo do aspirador e a observava. O rapaz desenhou na água as letras F. A. Feliz aniversário. Com uma gargalhada repentina, ela nadou na direcção dele. Não se deixando intimidar pelas garrafas e tubos que os separavam, pegou na mão dele e levou-a ao seu rosto.

Matthew deixou-a ficar por um momento e depois afastou-a. O seu sinal era evidente:

— Pára de sonhar.

Uma vez mais, o tubo de ar comprimido investia na areia. Ignorando os detritos, Tate prendeu o colar com cuidado, enrolando-o no pulso. Voltou ao trabalho, com o coração carregado de amor.

Matthew concentrou-se na área mais distante do monte onde descobriram o balastro. Pacientemente, escavou na areia, criando um amplo círculo com paredes inclinadas. Avançava um metro e depois outro, enquanto Tate trabalhava atarefadamente no meio dos detritos. Um cardume de peixes-porco nadou perto deles. Matthew olhou para cima e viu que a barracuda sorria para ele.

Num impulso, mudou de posição. Não se considerava uma pessoa supersticiosa. Como homem do mar, respeitava os sinais e o folclore. O peixe de dentes grandes aparecia sempre no mesmo local todos os dias. Não fazia mal usar a mascote como referência.

Curiosa, Tate observou Matthew a deslocar o tubo vários metros a norte, onde ele estava já a formar um grande buraco. Tate deixou-se divagar e viu um caleidoscópio de peixes em redemoinho pelas águas enevoadas, à caça das minhocas marinhas reveladas pela acção do tubo de ar comprimido.

Algo embateu na sua garrafa. Eficientemente, voltou-se para trás para continuar as suas tarefas. O primeiro cintilar de ouro passou-lhe quase despercebido. Fitou o leito de areia através da água revolvida. Os relampejos de brilho rodeavam-na como flores acabadas de abrir. Espantada, baixou-se e colheu um dobrão. O monarca espanhol há muito falecido fitava-a nobremente.

Os seus dedos adormecidos deixaram cair a moeda. Numa súbita febre, começou a colhê-los, empurrando-os para dentro do fato de mergulho, enfiando-os no saco de recolha e ignorando os objectos sólidos que caíam juntamente com a sólida coluna de detritos.

O conglomerado chovia, mas ela parecia ignorá-lo, de olhos colados na areia, observando o fundo do mar como um mineiro a peneirar o ouro.

Cinco moedas e, depois, dez. Vinte e mais. A sua respiração acelerada depressa se converteu num grito de alegria. O ar não lhe chegava. Quando olhou para cima, viu que Matthew lhe sorria, com os seus olhos obscuros e selváticos. Por trás da máscara, o rosto de Tate estava branco como a cal.

Tinham encontrado o filão principal.

Ele acenou-lhe. Como se num sonho, ela nadou para junto dele e alcançou-lhe a mão, tremendo. A areia deslizava para baixo, para dentro do buraco, mas ela ainda via o brilho de cristal de um cálice perfeitamente conservado, o cintilar de moedas e medalhões. Por todo o lado adivinhavam-se

as formas calcificadas de artefactos vários. E a corrente de areia negra que qualquer caçador sabia tratar-se de um rio de prata.

Atrás deles jazia o balastro. E, debaixo dele, o grandioso tesouro do galeão *Santa Marguerite* e todas as suas riquezas.

Os ouvidos de Tate troaram quando se inclinou para baixo e apertou na mão uma grossa corrente de ouro. Lentamente, libertou-a da areia. Dela pendia uma cruz pesada incrustada de vida marinha. E esmeraldas.

Os olhos enevoaram-se quando a mostrou a Matthew. Com uma súbita formalidade, colocou cuidadosamente a corrente ao pescoço dele. A simples generosidade daquele gesto comoveu-o. Queria ter podido abraçá-la, dizer-lhe de imediato. Tudo o que pôde fazer foi apontar para cima. Activou a válvula da bomba e seguiu-a para a superfície.

Tate não conseguia falar. Ainda lhe custava todas as suas forças para simplesmente conseguir respirar. Tremia como varas verdes quando conseguiu içar-se para bordo do barco. Uns braços fortes ergueram-na.

— Querida, estás bem? — O rosto de Buck, contorcido de preocupação, pairava sobre o dela. — Ray, Ray, vem cá. Passa-se alguma coisa com a Tate.

— Não se passa nada — conseguiu ela dizer, depois inalando profundamente.

— Fica quieta. — Ansioso como uma mãe-galinha, libertou-a da máscara e quase tremeu de alívio quando viu Matthew surgir do outro lado. — O que se passou lá em baixo? — perguntou, sem se voltar.

— Nada de mais.

Matthew deixou cair o cinto ao chão.

— Nada de mais, o caraças! A rapariga está branca como a cal. Ray, traz um pouco de *brandy*.

Mas Ray e Marla estavam já a correr para junto da filha. As vozes multiplicavam-se na cabeça de Tate. Sentia várias mãos em busca de ferimentos. Recuperou o fôlego com uma gargalhada e não conseguia parar.

— Eu estou bem. — Teve de levar as mãos à boca para conter um súbito ímpeto de gargalhada histórica. — Estou bem. Estamos os dois muito bem, não estamos, Matthew?

— Melhor é impossível — concordou ele. — Só tivemos um pouquinho mais de emoção.

— Vamos lá, querida. Vamos tirar-te esse fato molhado. — Com alguma impaciência, Marla lançou um olhar desconfiado a Matthew. — Que tipo de emoção? A Tate está a tremer.

— Eu posso explicar — disse Tate, ainda com a boca tapada. — Tenho de me levantar. Deixas-me pôr-me de pé? — Começaram a correr lágrimas pelas suas faces, tamanho era o esforço para conter as gargalhadas.

Afastando as mãos que se ofereciam para a apoiar, Tate conseguiu pôr-se de pé.

Ainda a tremer e rindo-se descontroladamente, desapertou o saco de recolha e abriu o fato de mergulho.

As moedas de ouro choviam no convés.

— Porra — resmungou Buck, deixando-se cair pesadamente no chão.

— Encontrámos o filão. — Tate reclinou a cabeça e gritou para o Sol. — Encontrámos o filão!

Tate abraçou o pai e puxou-o para uma dança de celebração, depois parou e puxou a mãe. Deu dois beijos repenicados na careca de Buck que continuava sentado no chão, fitando as moedas de ouro a seus pés.

Com as pessoas a tagarelarem à sua volta, Tate deu meia volta e atirou-se para os braços de Matthew. Quando ele conseguiu finalmente recuperar o equilíbrio, a boca dela estava colada à dele.

Matthew levou as mãos aos ombros dela. Sabia que devia afastá-la, fazer de conta que o beijo não passara de uma reacção espontânea de alegria. Mas uma onda de impotência assolou-o e desceu as mãos pelas costas dela, entrelaçando-as e abraçando-a.

Foi ela quem se afastou, com os olhos brilhantes e o rosto corado de ânsia.

— Pensei que ia desmaiar. Quando olhei para baixo e vi as moedas, fiquei sem ponta de sangue. Só me senti assim quando me beijaste.

— Não somos uma má equipa — comentou ele, passando a mão pelo cabelo dela.

— Somos uma equipa excelente! — Prendeu-lhe a mão e puxou-o para onde Buck e Ray já se vestiam para mergulhar. — Devias ter visto, Pai. O Matthew mexia no tubo como se fosse um pau de adivinhação.

Recontando alegremente cada instante da descoberta, Tate ajudou Buck e o pai a colocar as garrafas. Só Matthew percebeu que Marla estava em silêncio e que o olhar caloroso tinha sido substituído pela apreensão.

— Vou mergulhar para tirar umas fotografias — anunciou Tate, colocando garrafas novas. — Temos de documentar tudo. Quando terminarmos, vamos ser capa da National Geographic.

— Não os chames ainda. — Buck estava sentado, a limpar a máscara. — Temos de guardar segredo para já. — Olhou à sua volta, como se contasse que dezenas de barcos se apressassem para reclamar a descoberta. — Descobertas como esta acontecem muito raramente e há muita gente disposta a tudo para ter uma peça que seja.

Tate limitou-se a sorrir.

— Rói-te de inveja, Jacques Cousteau — disse ela, rebolando para dentro da água.

— Põe champagne no gelo — disse Ray à mulher. — Teremos celebração dupla esta noite. A Tate tem direito a uma festa de aniversário de arromba. — Sorriu alegremente para Buck. — Pronto, parceiro?

— Pronto e cheio de vontade, amigo.

Depois de descerem a máquina de ar comprimido, ambos desapareceram na água.

Matthew abasteceu o compressor, murmurando um agradecimento quando Marla lhe ofereceu um copo grande de limonada.

— Um dia cheio de emoções — comentou.

— Sim. Não temos dias destes todos os dias.

— Pois não. Há vinte anos, pensava que não podia ser mais feliz. — Sentou-se numa espreguiçadeira, inclinando a aba do chapéu para cobrir os olhos. — Mas, ao longo dos anos, tive muitos momentos felizes. A Tate foi sempre uma grande alegria para o pai e para mim, desde que nasceu. É inteligente, ambiciosa e generosa.

— E quer que eu me afaste dela — concluiu Matthew.

— Não sei bem se é isso que quero — suspirou Marla, tamborilando no seu próprio copo. — Não sou cega, Matthew. Já percebi que há algo entre os dois. É natural. São duas pessoas saudáveis e atraentes que trabalham e vivem muito próximas uma da outra.

Ele tirou a cruz e passou o dedo pelas pedras verdes cintilantes. Tal como os olhos de Tate, pensou, pousando a corrente.

— Não aconteceu nada.

— Agradeço que me digas isso. Mas, sabes, se eu não tivesse criado a Tate para saber fazer as suas próprias escolhas, então teria falhado como mãe. E não acredito que o tenha feito. — Sorriu ligeiramente. — O que não impede que me preocupe. Ela tem tanta vida pela frente. Não posso deixar de querer que ela viva tudo a que tem direito no devido momento. Suponho que esteja a pedir-te que tenhas cuidado com ela. Se ela estiver apaixonada por ti...

— Não falámos disso — interveio rapidamente Matthew.

Num outro momento, Marla ter-se-ia rido do tom de pânico na voz de Matthew.

— Se ela estiver apaixonada por ti — repetiu Marla —, esse sentimento bloqueará tudo o resto. A Tate pensa com o coração. Oh, ela acha que é muito pragmática e sensata. E é. Até as emoções se meterem no caminho. Por isso, tem cuidado com ela.

Então, Marla sorriu de facto, levantando-se.

— Vou preparar-te o almoço. — Pousando a mão no braço dele,

pôs-se em bicos de pés e beijou-o na face. — Senta-te ao sol, querido, e aprecia o teu momento de glória.

6.

Em poucos dias, o fundo do mar estava coberto de buracos. O *Santa Marguerite* revelava os seus segredos generosamente. Entre o tubo de ar comprimido, as simples ferramentas e as mãos nuas, a equipa escavava tanto o espectacular como o vulgar. Uma taça de madeira comida pelos vermes, uma linda corrente de ouro, forninhos de cachimbos e colheres, uma cruz sumptuosa incrustada de pérolas. Todas as peças foram libertas do cofre de areia onde tinham estado durante séculos, e içadas para a superfície dentro de baldes.

De vez em quando, um barco turístico passava ali perto, cumprimentando o *Aventura*. Se Tate estivesse a bordo, chegava-se à balaustrada e conversava um pouco. Não havia como disfarçar a nuvem de poeira provocada pela máquina de ar comprimido e que manchava a superfície. Os boatos sobre a escavação subaquática começavam a disseminar-se. Tinham o cuidado de minimizar a dimensão das descobertas. Mas, a cada dia que passava, trabalhavam mais e mais rapidamente, pois a possibilidade de atraírem outros caçadores de tesouros era cada vez mais real.

— Os direitos legais não significam nada para estes piratas — dissera-lhe Buck. Fechara o seu tronco largo no fato de mergulho. — Tens de estar atenta e tens de ser rija. — Piscou-lhe o olho quando ela lhe passou os óculos. — E desconfiada. Vamos desenterrar o filão, Tate, e vamos ser nós a revelá-lo.

— Eu sei que sim. — Passou-lhe a máscara de mergulho. — Já descobrimos mais do que esperava.

— Então, começa a pensar em grande. — Sorriu e cuspiu para a máscara. — É bom termos uns jovens como tu e o Matthew nisto. Aposto que trabalharias vinte horas por dia se precisasses. És uma boa mergulhadora, menina. E uma boa caçadora.

— Obrigada, Buck.

— Não conheço muitas mulheres capazes de aguentar isto.

Tate ergueu o sobrolho ao ouvir aquele comentário.

— A sério?

— Agora não te ponhas com essas histórias de direitos iguais. Só estou a constatar um facto. Há muitas raparigas que mergulham bem, mas quando têm de se empenhar numa caçada, não conseguem. Mas tu, sim.

Tate pensou nas palavras de Buck e sorriu-lhe.

— Suponho que isso seja um elogio.

— Supões bem. É a melhor equipa com que já trabalhei. — Pôs-se em posição e deu uma sapatada no ombro de Ray. — Excepto quando caçava com o meu pai e o meu irmão. É claro que, quando terminarmos, terei de matar aqui o parceiro. — Buck sorriu enquanto colocava a máscara no sítio. — Estava a pensar em matá-lo de pancada com as barbatanas dele.

— Estou de olho em ti, Buck. — Ray afastou-se. — Já decidi que te vou sufocar com uma almofada do barco. O tesouro é meu. — Ray produziu uma gargalhada selvática e malvada. — Meu, estás a ouvir? Todo meu. — Revirando os olhos como um louco, Ray encaixou o bucal e mergulhou.

— Vou atrás de ti, parceiro. Vou abrir-te com uma pá — prometeu Buck, caindo na água.

— São doidos — decidiu Tate. — Como um par de rapazotes mal comportados a fazer gazeta. — Voltou-se para sorrir para Matthew. — Nunca tinha visto o meu pai assim tão divertido.

— O Buck não se descontrai assim tanto sem um quarto de garrafa de uísque na barriga.

— Não é só o tesouro.

Tate estendeu a mão a Matthew para que se juntasse a ela na balaustrada.

— Não, suponho que não. — Olhando para a água, Matthew uniu os dedos aos dela. — Mas ajuda.

Ela encostou a cabeça no ombro dele e riu-se.

— Mal não faz. Mas eles deram-se bem mesmo sem o tesouro. Como nós. — Voltou-se, acariciando o queixo dele com os lábios. — Acabaríamos por nos encontrar, Matthew. Estávamos destinados a isso.

— Como estávamos destinados a encontrar o *Marguerite*.

— Não. — Voltou-se nos braços dele. — Assim.

Os lábios dela eram quentes e suaves. Irresistíveis. Matthew sentia-se afundar neles, lenta e imaterialmente, até se fundir completamente na sedução que Tate era. Ela parecia cercá-lo, com sabores e aromas tão únicos que seria capaz de os reconhecer, ainda que estivesse cego, surdo e mudo.

Nenhuma outra mulher lhe alterara tanto o sistema, deixando-o com emoções trémulas e instáveis, com um simples beijo. Queria-a tanto que ficava assustado.

E quando ela se afastou, de olhar sonhador e lábios curvados num sorriso, ele soube que ela não tinha qualquer noção da sua necessidade, do seu desespero ou do seu terror.

— O que se passa? — Tate levou a mão ao rosto dele. — Estás tão sério.

— Não. Nada. — *Compõe-te, Lassiter. Ela não está preparada para o que estás a pensar.* Com esforço, ele sorriu. — Estava só a pensar que era uma pena.

— O quê?

— Que depois de o Buck resolver o problema do Ray, terei de me livrar de ti.

— Oh. — Disposta a alinhar na brincadeira, ela inclinou a cabeça. — E como pensas fazer isso?

— Ocorreu-me estrangular-te. — Apertou-lhe o pescoço levemente com a mão. — Depois, teria de te atirar borda fora. Mas ficávamos com a Marla. Acorrentávamo-la ao fogão. Afinal, um homem precisa de comer.

— Muito pragmático da tua parte. É claro que isso só vai funcionar se eu não te apanhar primeiro.

Tate mexeu as sobranceiras e depois enterrou os dedos nas costelas de Matthew.

Uma risada incontrolável fê-lo perder a força nos joelhos. Ainda tentou agarrá-la, mas ela já tinha fugido. Quando conseguiu recuperar o fôlego, ela já estava do lado estibordo da casa de navegação.

— Queres brincar a sério?

Ele correu para bombordo para tentar interceptá-la. Quase conseguiu chegar à proa, mas viu-a com o balde na mão. Antes que conseguisse desviar-se, ela despejara-lhe água fria do mar em cima.

Enquanto tossia e sacudia a água, Tate esperava. Mas, então, ele pestanejou para retirar a água dos olhos e ela percebeu a intenção do seu olhar. Com um gritinho, desatou a correr para trás.

O seu único erro foi deixar cair o balde.

Marla saiu da casa de navegação, onde tinha estado a limpar moedas antigas e correu para o lado de Tate.

— Meu Deus, isto é uma guerra?

— Mãe! — Às gargalhadas, Tate escondeu-se atrás da mãe, enquanto Matthew se aproximava, transportando um balde cheio de água.

Parou de repente.

— Marla, é melhor afastar-se. Isto vai ficar feio.

Rindo-se sem parar, Tate abraçou a cintura da mãe, usando-a como escudo.

— Ela não sai daqui.

— Vamos lá, meninos — disse Marla, dando uma sapatadinha na mão de Tate. — Portem-se bem.

— Ela é que começou — reclamou Matthew. Não conseguia tirar o sorriso da cara. Há muitos anos que não se sentia assim tão livre e tolo. — Vamos, sua cobarde. Enfrenta-me e assume as consequências.

— Nem pensar. — Emproadamente, Tate fez-lhe uma careta. — Perdeste, Lassiter. Não terias coragem de fazer isso com a minha mãe entre nós.

Ele estreitou o olhar e fitou o balde seriamente. Quando voltou a olhar para cima, Tate pestanejava na sua direcção.

— Perdoe-me, Marla — disse, encharcando as duas.

A sucessão de gritos femininos ribombava nos seus ouvidos e Matthew acorreu ao flanco do barco para se munir de um novo balde de água.

Foi uma batalha sangrenta, cheia de emboscadas e retaliação. E como Marla se dedicou à causa com um entusiasmo que Matthew não esperara, depressa se viu em desvantagem em munições e espaço de manobra.

Matthew fez a única coisa que um homem poderia fazer. Saltou borda fora.

— Excelente pontaria, mãe — disse Tate, antes de se encostar, exausta, à balaustrada.

— Bem. — Marla passou a mão pelo cabelo emaranhado. — Fiz o que tinha de ser feito.

Perdera o chapéu algures em combate e a sua blusa e calções impecáveis estavam amarfanhados e ensopados em água. Mesmo assim, a sua hospitalidade sulista estava intacta quando espreitou pela borda, para o local onde Matthew tentava manter-se à tona.

— Desistes, *yankee*?

— Sim, minha senhora. Sei ver quando fui derrotado.

— Então sobe, querido. Ia começar a arranjar uns camarões quando vocês me interromperam.

Ele nadou para a escada mas lançou um olhar cauteloso a Tate.

— Tréguas?

— Tréguas — concordou e estendeu a mão. Quando as mãos dos dois se uniram, Tate olhou para Matthew, avisando-o. — Nem penses nisso, Lassiter.

Tinha pensado. A ideia de a atirar à água era bastante atraente. Mas não era tão divertido sabendo que ela o percebera. A vingança poderia esperar. Entrou suavemente no convés e afastou o cabelo dos olhos.

— Ao menos arrefeceu-nos.

— Nunca pensei que fosses capaz de atingir a minha mãe.

Ele sorriu e sentou-se numa almofada.

— Por vezes, os inocentes têm de sofrer. Ela é fantástica, sabias? Tens muita sorte.

— Sim. — Tate instalou-se ao lado dele e esticou as pernas. Não se lembrava de um momento mais feliz na vida dela. — Nunca falaste da tua mãe.

— Não me lembro dela. Deixou-nos quando era pequeno.

— Deixou-vos?

— Perdeu o interesse — acrescentou, com um encolher de ombros.

— Na altura, estávamos na Florida e o meu pai e o Buck estavam a fazer uns biscates de reparação em barcos. As coisas corriam mais ou menos bem. Lembro-me de eles discutirem muito. Um dia, ela mandou-me para os vizinhos. Disse que tinha uns recados a fazer e que não queria que eu a atrasasse. Nunca mais voltou.

— Isso é horrível. Lamento.

— Safámo-nos bem. — E depois de tantos anos, a dor regressou ao coração num só golpe. — Depois de o meu pai morrer, descobri os papéis do divórcio e uma carta de um advogado com a data de dois anos depois de ter partido. Ela não quis custódia nem visitas. Só queria a liberdade dela. E conseguiu.

— Nunca mais a viste? — Tate não conseguia compreender como uma mãe, qualquer mãe, pudesse afastar-se tão tranquilamente de um filho que dera à luz e que vira crescer. — Nunca mais desde essa altura?

— Não. Ela tinha a vida dela e nós tínhamos a nossa. Mudámos muito de sítio. Pela costa acima, Califórnia, as ilhas. Safámo-nos bem. Mais do que bem, em determinadas alturas. Arranjámos trabalhos de resgate no Maine e o meu pai conheceu o VanDyke.

— Quem era esse?

— Silas VanDyke. O homem que o matou.

— Mas... — Sentou-se, com o rosto pálido e tenso. — Se tu sabes quem...

— Eu sei — interrompeu Matthew calmamente. — Foram parceiros durante um ano. Bem, talvez não parceiros, mas o meu pai trabalhava para ele. O VanDyke interessou-se pelo mergulho como passatempo e depois ficou a gostar da caça ao tesouro. É um daqueles executivos que acha que pode comprar tudo o que quiser. Era assim que via o tesouro. Algo que se pode comprar. Estava à procura de um tesouro. Um amuleto. Pensava que tinha descoberto o seu paradeiro num navio que se afundara na Grande Barreira de Coral. Não era grande mergulhador, mas tinha dinheiro, muito dinheiro.

— Então, contratou o teu pai? — perguntou Tate.

— Nós tínhamos uma boa reputação, naquela altura. Ele era o melhor e o VanDyke queria o melhor. O meu pai treinou-o, ensinou-lhe tudo e foi apanhado pelo mito. A Maldição de Angelique.

— O que é isso? — inquiriu. — O Buck falava disso no outro dia.

— É um colar. — Matthew levantou-se para ir à arca de gelo, donde tirou duas latas de Pepsi. — Supostamente, pertencia a uma bruxa que foi

queimada no século XVI, algures em França. Ouro, rubis, diamantes. De um valor incalculável. Mas era o poder que dizem que a peça esconde que VanDyke queria. Ele até dizia que tinha uma relação de parentesco com a bruxa. — Voltou a sentar-se e ofereceu-lhe uma das latas. — Uma treta, claro, sei de homens que já mataram por menos.

— Que tipo de poder?

— Magia — disse, com desdém. — Parece que tem um feitiço qualquer. Quem o apanhar e conseguir controlar, terá riquezas e poderes increditáveis, tudo o que desejar. Se a peça os controlar a eles, perdem o bem mais precioso para eles. Tal como disse — acrescentou, engolindo um grande trago —, tretas. Mas o VanDyke gostava muito de controlar.

— É fascinante. — E ali resolveu fazer pesquisa sobre a lenda, assim que pudesse. — Nunca tinha ouvido essa história.

— Não há muita documentação. Só excertos aqui e ali. O colar andou de mão em mão e supostamente espalhou a desgraça por todos os lados.

— Como o Diamante Esperança?

— Sim, se acreditares nessas coisas. — Olhou para ela. — Acreditas.

— É interessante — defendeu-se, com alguma dignidade. — O VanDyke encontrou-o?

— Não. Pensava que o meu pai o tinha. Meteu na cabeça que o meu pai andava a esconder-lhe coisas. E tinha razão. — Matthew deu um gole longo na bebida fria. — O Buck contou-me que o meu pai encontrou uns papéis que o fizeram pensar que o colar teria sido vendido a um comerciante ou aristocrata rico, ou coisa assim. Dedicou-se algum tempo à pesquisa, empenhou-se mesmo. Decidiu que estaria no *Isabella*, mas só contou ao meu tio.

— Porque não confiava no VanDyke.

— Devia ter confiado ainda menos. — As memórias reapareciam como punhais nos olhos de Matthew. — Ouvi-os discutir o assunto antes do último mergulho. O VanDyke acusou-o de estar a esconder o colar. Ele ainda achava que estaria nos destroços que andavam a investigar. O meu pai riu-se na cara dele. Disse-lhe que estava louco. No dia seguinte, estava morto.

— Nunca me contaste como morreu.

— Afogado. Disseram que as garrafas estavam avariadas, que o equipamento não tinha sido bem preparado. Mas era mentira. Eu estava encarregue do equipamento. Não havia nada de errado quando o verifiquei. O VanDyke sabotou-o. E quando o meu pai estava a vinte e cinco metros de profundidade, inalou demasiado nitrogénio.

— Narcose de nitrogénio. *A embriaguez das profundezas* — murmurou Tate.

— O VanDyke disse que tinha tentado puxá-lo para cima quando percebeu que havia algo de errado, mas que o meu pai o tinha empurrado. Houve uma luta, disse ele. A versão do VanDyke era de que tentou emergir para pedir ajuda, mas o meu pai puxou-o para baixo. Mergulhei logo quando ele começou a contar a história, mas quando lá cheguei, estava morto.

— Mas pode ter sido um acidente, Matthew. Um acidente terrível.

— Não foi acidente nenhum. E não foi culpa da Maldição de Angeli-que, como o Buck gosta de dizer. Foi homicídio. Eu vi a expressão daquele sacana quando trouxe o meu pai para cima. — Matthew cerrou os dedos.

— Estava a sorrir.

— Oh, Matthew. — Para o consolar, aninhou-se nele. — Que terrível.

— Um dia, vou encontrar o *Isabella* e o colar. O VanDyke virá à minha procura e eu estarei à sua espera.

Ela tremeu.

— Não. Não penses nisso.

— Não penso muitas vezes. — Querendo mudar de assunto, colocou o braço nos ombros dela. — Como disse, o passado é o passado. E está um dia demasiado bonito para falarmos nele. Talvez pudéssemos tirar algum tempo no final da semana. Podíamos alugar uns esquis ou fazer parapente.

— Parapente. — Olhou para o céu, aliviada por ter a voz novamente calma. — Já experimentaste?

— Claro. Melhor do que estar debaixo de água é sobrevoá-la.

— Eu alinho se tu alinhares. Mas se vamos falar com o resto da malta para tirarmos um dia, é melhor trabalharmos. Pega no martelo, Lassiter. Mãos à obra.

Mal tinham começado a trabalhar no conglomerado quando ouviram um grito à proa. Tate sacudiu as mãos e aproximou-se.

— Matthew — chamou em voz baixa. — Anda cá, mamã. — Aclarou a garganta. — Mãe! Chega aqui. Traz a máquina. Oh, meu Deus, despacha-te!

— Pelo amor de Deus, Tate, estou a fritar camarões. — Exasperada, Marla avançou pelo convés com a máquina de filmar a pender da mão. — Não tenho tempo para andar a filmar.

Tate, de mãos dadas com Matthew, voltou-se e sorriu tolamente.

— Acho que vais querer filmar isto.

Marla posicionou-se do outro lado de Tate e os três espreitaram por cima da balaustrada.

Buck e Ray flutuavam na água, sorrindo como loucos. Juntos, elevaram um balde carregado de dobrões dourados e cintilantes.

— Jesus Cristo — murmurou Matthew. — Isso está cheio?

— A transbordar — gritou Ray. — E temos mais dois lá em baixo.

— Nunca viste nada igual, rapaz. Estamos ricos como reis. — A água escorria no rosto de Buck, vinda dos olhos. — Há milhares, milhares, ali pousados. Vais içar isto ou queres que te atiremos um a um?

Ray ria-se às gargalhadas e trocava sapatadas na cabeça com Buck. As moedas derramavam do balde, como peixe em fuga.

— Esperem, esperem, quero filmar-vos. — Marla saltitava, gritava, ria. — Ora bolas, não sei onde está o botão de gravar.

— Eu trato disso. — Tate tirou-lhe a máquina das mãos e posicionou-a. — Fiquem quietos e sorriam.

— Ainda se afogam. — Matthew agarrou a corda e puxou o balde. — Credo, é pesado. Ajudem-me aqui.

Marla gemeu de esforço e quase caiu borda fora, mas conseguiram puxar a corda, enquanto Tate filmava a cena.

— Vou descer com a máquina de filmar debaixo de água. — Estupefacta, mergulhou a mão no balde de moedas, assim que Matthew o pousou no convés. — Meu Deus, quem diria que teria dobrões de ouro até ao cotovelo?

— Eu disse-te para pensares em grande, rapariga — gritava Buck. — Marla, ponha o seu vestido mais bonito, porque vamos dançar esta noite.

— Eh, amigo, essa é a minha mulher.

— Não, depois de te matar, parceiro. Vou buscar outro balde.

— Só se eu não chegar primeiro.

Tate desatou a correr para vestir o fato de mergulho.

— Vou descer com a máquina de filmar. Quero gravar isto tudo e ajudá-los.

— Vou contigo, Marla. — Matthew estalou os dedos diante dos olhos estupefactos de Marla. — Marla, acho que o camarão está a queimar.

— Oh, Oh, meu Deus. — Ainda agarrando uma mão-cheia de dobrões, desatou a correr para a cozinha.

— Sabes o que significa? — perguntou Tate, enquanto vestia apressadamente o fato de mergulho.

— Que estamos podres de ricos. — Matthew pegou nela ao colo e girou com ela.

— Imagina o equipamento que podemos comprar. Um sonar, magnetómetros, um barco maior. — Deu-lhe um beijo leve antes de correr para a água. — Dois barcos maiores. E um computador para registarmos os artefactos.

— Podemos comprar um submarino, já agora.

— Perfeito. Anota isso. Um submarino robotizado para podermos explorar as zonas abissais na nossa próxima expedição.

Matthew apertou o cinto.

— E roupas caras, carros, jóias?

— Não são prioritários, mas vou tomar nota disso. Mãe! Vamos descer para ajudar o pai e o Buck.

— Vejam se apanham mais camarão. — Marla espetou a cabeça pela porta, mostrando uma travessa de pedaços esturricados. — Não podemos comer estes.

— Marla, vou comprar-lhe um contentor de camarão e outro de cerveja. — Num impulso, Matthew tomou-lhe o rosto nas mãos e beijou-a nos lábios. — Adoro-a.

— Podias dizer-me isso a mim — resmungou Tate e depois saltou borda fora. Entrou de pés, mas deu uma cambalhota ágil e começou a nadar. Seguindo a corda, impulsionou o corpo através da nuvem de poeira, em direcção à clareira.

Lá, Ray e Buck pairavam no fundo, com um segundo balde carregado de ouro mesmo ao lado deles, enquanto pesquisavam no meio dos detritos. Tate tirou uma fotografia a Buck a passar um objecto escurecido a Ray que era, afinal, um lingote de prata.

Os peixes dardejavam à sua volta, num carrossel de vida, enquanto os homens continuavam a remover a areia. Medalhões, mais moedas, peças oblongas de prata descolorada. Ray encontrou um punhal, com o punho e lâmina incrustados de vida marinha. Simulando um duelo, apontou-o divertidamente a Buck, que ergueu um lingote e preparou a defesa.

Ao lado de Tate, Matthew abanava a cabeça, fazendo movimentos circulares com o dedo à volta da orelha.

Sim, pensava ela, estavam doidos. E não era maravilhoso?

Tate nadou para longe para poder filmá-los de diferentes ângulos. Queria uma boa imagem da pequena pirâmide de lingotes, outra da estranha escultura de moedas e medalhas fundida no balde cintilante.

National Geographic, pensava ela com alegria, *aqui vou eu. O Museu Beaumont lançou a sua primeira pedra.*

Aceitou o punhal que o pai lhe oferecera. Com a sua faca de mergulho, raspou delicadamente o punho. Os olhos arregalaram-se-lhe quando divisou o brilho de um rubi. Como um pirata, embainhou-o no seu cinto.

Usando a sinalética habitual, Buck indicou que ele e Matthew içariam a carga seguinte.

Ray imitou a abertura de uma garrafa de champanhe e depois fez de conta que a bebia. O gesto reuniu o consenso do grupo. Fazendo o sinal de OK, Buck e Matthew impulsionaram-se para cima, transportando um balde em conjunto.

Tate gesticulou na direcção do pai, dizendo-lhe que pousasse uma barbatana no monte de lingotes e tirou uma série de fotografias. O pai es-

tava mais do que feliz por lhe fazer a vontade. Ela ria-se sem parar quando deixou a máquina pender pela tira do pulso.

E, então, percebeu o silêncio.

Era estranho, pensava. Todos os peixes tinham desaparecido. Até o Sorridente parecia ter fugido do local. Nada se movia na água e o silêncio era súbito e assustadoramente pesado.

Olhou para cima e viu a sombra de Matthew e Buck, ainda a transportar o rico fardo para a superfície.

Então, viu o pesadelo.

Aconteceu tão rápida e silenciosamente que a mente se recusava a assimilar. Primeiro, não via nada além das formas dos homens através da água empoeirada, o Sol a penetrar as águas em raios de névoa. Mas, depois, uma sombra disparou vinda de lado nenhum. Alguém gritou. Mais tarde, o pai diria que o som tinha saído dela e o alertara. Mas nessa altura ela estava já a impelir-se para cima.

O tubarão era maior do que um homem, com talvez três metros. Para seu horror, via já as mandíbulas do animal abertas e prontas para a matança. Viu quando os homens se aperceberam do perigo e gritou novamente por saber que era demasiado tarde.

Os homens separaram-se, como se movidos por uma força bruta. O ouro derramou-se na água como uma chuva dourada. Com mais gritos de terror a rasgarem-lhe a garganta, Tate viu o tubarão capturar Buck nas mandíbulas e abaná-lo como um cão faria a uma ratazana. A força do ataque arrancou-lhe a máscara e o bucal, e o tubarão não parava de o dilacerar na água já manchada de sangue. De repente, ela tinha a faca na mão.

O tubarão mergulhou, agitando-se ainda enquanto Matthew lhe espetava a faca na carne, apontando mas falhando o cérebro. O golpe desesperado deixara a sua marca, mas o animal, em frenesim de sangue, não libertava a presa e investia contra o seu atacante.

De lábios arreganhados, Matthew investia sem parar. Buck estava morto. Ele sabia que Buck estava morto. E o seu único pensamento era matar também. O olho negro de vidro do tubarão fitava-o, mas tornou-se branco. O corpo de Buck foi finalmente libertado na correnteza sanguínea, enquanto o peixe procurava uma presa fresca e retaliação assassina.

Matthew preparou-se, fosse para matar ou morrer. E Tate ascendeu pela névoa de poeira como um anjo guerreiro, com um punhal antigo numa mão e uma faca de mergulho na outra.

Ele pensara que o seu medo chegara ao seu limite. Mas multiplicou-se, quase paralisando-o, quando viu o tubarão voltar-se e investir contra ela. Cego de terror, ele impulsionou-se para a frente através da cortina de sangue, embatendo violentamente contra o tubarão ferido, para impedir

os seus avanços. Com uma pujança nascida do puro pânico, Matthew mergulhou a faca na espinha do animal, até ao punho.

E rezou, como nunca pensou que fosse capaz de rezar.

Sombriamente, manteve-se firme com a faca na mão, enquanto o tubarão se revirava e remexia. E viu que assim como a sua lâmina tinha encontrado o seu destino, também a dela o conseguira. Tate rasgara-lhe completamente o ventre.

Matthew libertou a carcaça e viu que Ray nadava na direcção deles com a faca na mão e segurando o corpo inerte de Buck. Sabendo o que a água ensanguentada poderia trazer, Matthew arrastou Tate para a superfície.

— Mete-te no barco — ordenou. Mas o rosto dela estava branco e os olhos começavam a revirar. Deu-lhe uma bofetada e mais outra, até ela se concentrar. — Sobe para a porcaria do barco. Iça a âncora. Faz o que te digo.

Ela assentiu, respirando com dificuldade e nadando atrapalhadamente enquanto ele mergulhava novamente.

As suas mãos não paravam de escorregar na escada e esqueceram-se completamente de tirar as barbatanas. Não tinha forças para gritar. A mãe ligara o rádio e Madonna gritava harmoniosamente que era tal e qual uma virgem.

As garrafas de oxigénio caíram ruidosamente no convés e o ruído atraiu a atenção de Marla, que rapidamente se agachou junto da filha.

— Mamã. Tubarão. — Tate encolheu-se em direcção aos joelhos e cuspiu água. — O Buck, oh, meu Deus.

— Estás bem? — A voz de Marla era estridente e trémula. — Oh, minha querida, estás bem?

— Foi o Buck. Hospital. Ele precisa de um hospital. Iça a âncora. Depressa.

— Ray. Tate, o teu pai?

— Ele está bem. Depressa. Contacta a ilha.

Enquanto Marla corria para o rádio, Tate pôs-se de pé, a custo. Tirou o cinto com dificuldade, tentando não olhar para o sangue que tinha nas mãos. Ficou de pé, balançando, fazendo um enorme esforço para não desmaiar. Quando correu para o lado, arrastou as garrafas.

— Ele está vivo. — Ray agarrou a escada. Matthew e Ray seguravam o corpo de Buck. — Ajuda-nos a puxá-lo para cima. — Os olhos dele, carregados de terror e sofrimento, cruzaram-se com os dela. — Aguenta-te, filha.

Quando conseguiram içar o corpo inconsciente de Buck, Tate percebeu o aviso do pai. O tubarão arrancara a perna de Buck até ao joelho.

Sentiu um sabor acre na boca. Estoicamente, engoliu-o, cerrando os

dentes até que o enjoo e a tontura passassem. Ouviu a mãe arquejar, mas quando se voltou, num movimento lento e pesado, Marla estava alerta e a mover-se rapidamente.

— Precisamos de cobertores, Tate. E toalhas. Muitas toalhas. Despacha-te. E o estojo de primeiros socorros. Ray, já pedi ajuda via rádio. Estão à nossa espera em Frigate Bay. É melhor assumires o leme.

Marla arrancou a blusa, expondo um bonito sutiã de renda branca. Sem pestanejar, usou o tecido limpo para estancar o sangue no toco da perna de Buck.

— Linda menina — murmurou quando Tate regressou com montanhas de toalhas. — Matthew, põe as toalhas à volta da ferida. Prende-as bem. Matthew. — A voz dela era calma como a morte, mas continha força suficiente para o fazer levantar a cabeça. — Ele precisa de muita pressão nessa perna. Compreendes? Não vamos deixar que se esvaia em sangue.

— Ele não está morto — disse Matthew absorto, enquanto Marla pegava nas suas mãos e lhe mostrava como fazer força com as toalhas na zona da ferida. Já se tinha formado uma assustadora piscina de sangue no convés.

— Não. Não está morto. E não vai morrer. Precisamos de um torniquete. — Os olhos dela detiveram-se na perna esquerda de Buck que ainda calçava a barbatana. Mas as suas mãos foram rápidas e eficientes. Não tremaram um segundo enquanto fixava o torniquete acima da ferida da sua perna direita. — Precisamos de o manter quente — disse ela calmamente. — Temos de o levar para o hospital em poucos minutos. Em muito poucos minutos.

Tate cobriu Buck com um cobertor e depois ajoelhou-se no convés ensanguentado para pegar na mão dele. Depois, procurou a mão de Matthew, assim unindo os três.

Não largou as mãos deles enquanto o barco voava em direcção a terra.